



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA

Mestrado Integrado em Teologia

DANIEL LOPES BARROSO

**O Batismo como vida nova
em Rm 6, 1-14**

Dissertação final

Sob orientação de:

Professor Doutor João Alberto Sousa Correia

Braga

2018

Abreviaturas

Is - Isaías

Ct - Cântico dos Cânticos

Rm - Romanos

Act - Actos dos Apóstolos

Fl - Filipenses

Gl - Gálatas

1 Cor - Coríntios

2 Cor - Coríntios

Tm - Timóteo

1 Ts - Tessalonicenses

Flm - Filémon

Heb - Hebreus

Ef - Efésios

Col - Colossenses

Mc - Marcos

Lc - Lucas

a. C. - Antes de Cristo

d. C. - Depois de Cristo

Introdução

«De pé, no meio do Areópago, Paulo disse, então: «Atenienses, vejo que sois, em tudo, os mais religiosos dos homens. Percorrendo a vossa cidade e examinando os vossos monumentos sagrados, até encontrei um altar com esta inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Pois bem! Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio». (Act 17, 22-23) É de forma destemida e audaciosa que Paulo se dirige aos seus interlocutores onde quer que se encontre. Em Atenas, por exemplo, servindo-se da pregação a uma divindade estrangeira, aproveita para proclamar o Deus único e de Jesus Cristo, apresentando um resumo do evangelho. Fazendo uso de uma criatividade que lhe é nata, adapta-se com facilidade às diferentes realidades nas quais se sente desafiado a evangelizar os pagãos e gentios.

Na investigação que a seguir se apresenta, a viagem não nos conduzirá a Atenas, mas sim a Roma. Aqui, à capital do Império, Paulo dirige-se de forma particularmente especial. Trata-se, pois, da sua abertura de horizontes ao ocidente, numa comunidade que não havia sido fundada por ele. Sendo este um novo panorama no seu percurso de apóstolo, enriquecerá os romanos com os mais preciosos ensinamentos e com um verdadeiro testamento espiritual.

Neste contexto, uma das suas provocações mais interessantes será esta: «Ignorais, porventura, que todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Fomos sepultados com Ele pelo Baptismo na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova» (Rm 6, 3-4).

Tal como um dia aconteceu com os romanos, também nós, hoje, nos questionamos a partir deste texto de Paulo: Como pode o batismo ser participação na morte de Cristo? Como é que pelo batismo já morremos? Como é possível que pelo batismo possa haver uma mudança tão radical que não mais há lugar ao pecado? Como pode o batismo identificar o homem com a ressurreição de Cristo?

Ora, é precisamente sobre estas questões que nos iremos debruçar ao longo das páginas que se seguem. Passo a passo, delinearemos alguns traços que nos ajudarão a estruturar um estudo acerca destas inquietações na Carta aos Romanos. A partir daqui, com o intuito de procedermos a uma organização esquemática que nos permita estabelecer um fio condutor entre os conteúdos que iremos abordar, o percurso será dividido em três partes, que resultarão em três capítulos distintos, mas complementares: o primeiro centrado em contextos biográficos; o segundo focado especificamente no texto da Carta aos Romanos; e o terceiro, por fim, assente na análise teológica do excerto Rm 6, 1-14.

Desta forma, ao nível estrutural e metodológico, seguiremos o método exegético-teológico, partindo de uma análise sucinta do contexto histórico, cultural e religioso do Apóstolo Paulo, percorrendo alguns aspetos da sua vida: a sua conversão, os motivos que o levaram a enraizar-se no cristianismo, as suas viagens e missão evangelizadora, não esquecendo um olhar atento sobre a etapa final da vida do Apóstolo e sobre as cartas que escreveu ao longo das suas viagens, particularmente a Carta aos Romanos.

Num segundo momento, tendo esta contextualização como ponto de partida, focar-nos-emos na análise particular de Rom 6, 1-14, a partir do texto original em grego. Neste ponto, analisaremos tanto a estrutura global da carta, como a do excerto em análise, sem esquecer as intertextualidades com as restantes cartas de Paulo.

Num terceiro e último momento, passaremos para a consideração dos aspetos teológicos, procurando aprofundar as noções mais importantes relativas à matéria em análise, tais como a teologia batismal e a teologia da morte para o pecado.

Conscientes da importância que o Sacramento do Baptismo tem no seio da Igreja, como porta de entrada de novos membros para a comunidade eclesial, que é corpo que tem Cristo por cabeça, vejamos, por conseguinte, as dinâmicas inerentes ao «Batismo como vida nova», fazendo uma leitura que encontra o seu cerne em Romanos 6, 1-14.

I. Do judeu ao escritor sagrado

No decorrer do primeiro capítulo, contextualizar-se-á a vida e obra de São Paulo, com especial ênfase para o momento da sua conversão e das suas viagens missionárias. Desde os dados históricos acerca do seu nascimento, percorrendo o seu itinerário formativo e espiritual, passando pelos momentos-chave que marcaram a sua adesão ao cristianismo, e culminando no fervor com que o difundiu sobretudo entre os gentios, até chegar à etapa final da sua vida, o objetivo desta primeira análise é abordar toda a dinâmica e gramática que envolveu a redação dos escritos paulinos, com especial destaque para a carta aos Romanos.

1. Um Judeu

«Sou judeu, nascido em Tarso» (Act 22, 3)

Poucos são os dados que a história nos oferece sobre Saulo de Tarso. Não obstante, através de uma leitura atenta dos textos do Novo Testamento, com especial destaque para as suas cartas e para o livro dos Atos dos Apóstolos, é possível recriar todo um ambiente cultural, histórico, social, político e religioso em volta da sua figura. Do mesmo modo, o trabalho exegético e as investigações históricas levadas a cabo por muitos teólogos, ao longo dos tempos, invadidos pela curiosidade que gira à volta deste homem peculiar,

permitem- -nos espelhar com maior clareza o contexto biográfico de Saulo, ele que é um «vaso de eleição, ou seja, um especial instrumento escolhido por Deus»¹.

Quem foi, então, este homem? Porque é que ele é um “vaso de eleição”? Que características fazem dele um dos homens mais estudados ao longo da história? Que segredos esconde? Que caminhos trilhou?

Para responder a estas perguntas, precisamos de fazer uma viagem até Tarso, na região de Cilícia, na Ásia Menor, atual Turquia (cf. Act 21, 39), perto das águas quentes e cristalinas do Mar Mediterrâneo. A partir deste lugar, conhecemo-lo como um Apóstolo que entregou a sua vida pelo Evangelho, apresentado como «o mais destacado génio da Igreja Primitiva»². Era um judeu, com antecedentes da tribo de Benjamim, pertencente ao grupo dos fariseus (cf. Fl 3,5). Terá aprendido a profissão do pai como fabricante de tendas, tal como era hábito naquela época. Este aspeto foi deveras importante, uma vez que, mais tarde, serviu-se desta sua habilidade como fonte de sustentabilidade e de inserção nas comunidades por onde passou. Já a cidade de Tarso, «habitada por cerca de 300 000 habitantes»³, era conhecida como um grande centro de comércio, cuja principal fonte de rendimento eram os «tecidos de linho e de crinas de cabra (o cilício) e curtumes»⁴. Ao mesmo tempo, era também uma «grande cidade universitária, onde se vivia a cultura helenística»⁵.

Saulo nasceu no seio de uma família judaica e, como tal, durante a infância, a sua formação foi fortemente marcada em torno das tradições do judaísmo, do estudo da língua e cultura grega, bem como da arte e da retórica. Ao campo da retórica, por exemplo,

¹ Joseph Ratzinger, *Paulo, o apóstolo dos gentios* (Lisboa: Paulus, 2008), 17.

² Bento XVI, *Os doze Apóstolos e os primeiros discípulos de Jesus nas origens da Igreja* (Lisboa: Paulus, 2012), 9.

³ Teodoro de Faria, *Paulo, de Jerusalém a Roma* (Prior Velho: Paulinas, 2010), 17.

⁴ Anacleto de Oliveira, *Um ano a caminhar com São Paulo* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008), 14.

⁵ Teodoro de Faria, *Paulo, de Jerusalém a Roma*, 18.

dedicou cerca de 4 anos⁶ que, mais tarde, influenciaram o estilo com que escrevia as cartas. Para além disso, estudou nas sinagogas, em Tarso, e no seio da sua família, recebendo igualmente formação em Jerusalém, na escola de Gamaliel (cf. Act 22, 3).

Enquanto criança e, em conformidade com as tradições judaicas da época, Saulo foi educado mediante as exigências da Lei de Deus e das «tradições paternas» (cf. Gl 1, 14). Com efeito, «os judeus da diáspora eram judeus praticantes e a sua maior preocupação era sem dúvida a observância da Lei de Deus. Como tal os judeus faziam frente àqueles que dificultavam ou até mesmo impediam a observância da Lei de Deus»⁷. Percebemos, assim, que «Paulo não teve de trabalhar, nem durante a sua infância nem durante a sua juventude»⁸, dedicando-se essencialmente aos estudos. Este aspeto indica que, provavelmente, os seus pais teriam uma vida estável e possibilidades económicas equilibradas.

Sendo fervoroso na observância da Lei, Saulo depressa se apercebeu, juntamente com os restantes judeus, que a rede de cristãos crescia a passos largos. Se observarmos a sua história passada antes da revelação de Deus, verificamos que ele foi o grande perseguidor dos cristãos (cf. Gl 1, 13; 1 Cor 15, 9), nutrindo por eles um ódio rancoroso. Contudo, nas suas epístolas nunca especificou a forma como abordava os cristãos e, a partir dos escritos de Lucas, é possível afirmarmos que ele não poderia ter-se servido da «detenção, a tortura e a prisão, como meios para forçar os cristãos a reconhecer que tinham

⁶ “Os quatro anos de estudos de retórica terminavam, geralmente, quando o estudante atingia os 19 ou 20 anos. Por isso, quando foi para Jerusalém, Paulo devia ter acabado de sair da adolescência, provavelmente por volta do ano 15 d. C. Ele não imaginava que esta seria a primeira de muitas viagens”, Jerome Murphy O’Connor, *Paulo, um homem inquieto, um apóstolo insuperável* (Prior Velho: Paulinas, 2008), 24.

⁷ Carlos Mesters, *Paulo apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho*, 4ª ed. (Prior Velho: Paulinas, 2008), 17.

⁸ Jerome Murphy O’Connor, *Paulo, um homem inquieto, um apóstolo insuperável*, 21.

sido enganados»⁹. Mas foi o próprio Paulo que se identificou como perseguidor da Igreja ao afirmar:

«Ouvistes falar do meu procedimento outrora no judaísmo: com que excesso perseguia a Igreja de Deus e procurava devastá-la; e no judaísmo ultrapassava a muitos dos compatriotas da minha idade, tão zeloso eu era das tradições dos meus pais» (Gl 1, 13-14).

Difícilmente Paulo se terá encontrado com Jesus de Nazaré¹⁰, em Jerusalém, durante o ministério público, uma vez que «ele nunca deu a entender sequer que tivesse tido o mais leve contacto com o Jesus histórico»¹¹.

Existia uma forte ligação entre os judeus da diáspora e Jerusalém, uma vez que esta era o centro espiritual judaico e, apesar de Paulo ser da cidade de Tarso, acabou por ser criado em Jerusalém, onde aprofundou os seus estudos. O próprio dizia: «a minha vida, a partir da mocidade, tal como decorreu desde os primeiros tempos, no meu povo e em Jerusalém, conhecem-me todos os judeus» (Act 26, 4). Como já salientámos, durante a sua formação na academia de Tarso, teve contacto com a filosofia e adquiriu conhecimento sobre a retórica. «A sua escola de retórica era particularmente bem cotada: muitos dos que estudavam em Tarso iam para o estrangeiro, em busca de mais conhecimentos, e faziam carreira noutros países»¹². Viveu, assim, entre dois mundos: era um verdadeiro homem hebraico – Saulo; e, ao mesmo tempo, um verdadeiro homem grego – Paulo¹³. Não obstante, a sua escolha acaba por recair no nome Paulo. E é após a revelação de Deus a caminho de Damasco que passa a usar esse nome.

⁹ *Ibidem*, 39.

¹⁰ «Se, de facto, tivesse ouvido falar de Jesus, porque haveria ele de desperdiçar tempo, procurando escutar alguém que, por três boas razões era melhor ignorar: era da Galileia, não tinha qualificações para ensinar e acreditava ser o Messias» (Jerome Murphy O'Connor, *Paulo, um homem inquieto, um apóstolo insuperável*, 35).

¹¹ *Ibidem*, 34.

¹² *Ibidem*, 22.

¹³ Cf. Act 13, 9.

Outro aspeto marcante na sua vida enquanto judeu, passou-se perante o Sinédrio, quando Estevão acusou Saulo «de cegueira e surdez perante a pessoa de Jesus»¹⁴. Este, por sua vez, reagiu muito mal e decretou, juntamente com todas as autoridades judaicas, que Estevão fosse apedrejado até à morte¹⁵. Contudo, «o Senhor inquietou Saulo com a morte e perdão de Estevão, com a mansidão, humildade e alegria dos cristãos»¹⁶. E ele, observante da lei, acabou por ser derrubado às portas da cidade de Damasco (cf. Act 9, 3-4) e, tendo uma visão, disse: «eu sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus» (1Cor 15, 9).

2. A conversão

«Saulo, Saulo, porque me persegues?» (Act 9, 4)

Já nos apercebemos de que Saulo era um jovem judeu da diáspora, natural da cidade de Tarso e que viveu a maior parte do tempo da sua infância e juventude em Jerusalém para estudar com Gamaliel a Lei de Moisés (cf. Act 22, 3). Temos ainda a informação que, ao longo da sua estadia em Jerusalém, aprendeu o ofício de fabricante de tendas (cf. Act 18, 3) que, mais tarde, lhe foi útil para ganhar o seu próprio sustento.

Vimos também que, após a morte de Estevão, «as autoridades de Jerusalém organizaram uma perseguição aos cristãos»¹⁷. Saulo, conhecido nessa altura como defensor da *Torah*, tornou-se um perseguidor violento, tanto em atos como em palavras. O próprio demonstrou o ódio que nutria por eles: «Em nome do Sinédrio, liderava a perseguição

¹⁴ Teodoro de Faria, *Paulo, de Jerusalém a Roma*, 27.

¹⁵ “Quem tinha razão: Estevão ou Paulo? Estevão era apenas um! Ao lado de Paulo estava a multidão do povo judeu, estava a tradição de mais de mil anos, estavam as autoridades todas: sacerdotes e doutores. Nesta balança, o peso estava a favor de Paulo” (Carlos Mesters, *Paulo apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho*, 17).

¹⁶ Teodoro de Faria, *Paulo, de Jerusalém a Roma*, 27.

¹⁷ *Ibidem*, 30.

contra os cristãos»¹⁸, pois «considerava a mensagem inaceitável e até ao mesmo tempo escandalosa, pois colocavam no centro a pessoa de Jesus, crucificado e ressuscitado, e por isso sentiu o dever de perseguir os seguidores de Cristo mesmo fora de Jerusalém»¹⁹.

Continuando este percurso histórico, passemos agora ao momento-chave que irá transformar para sempre a vida deste homem: Saulo pôs-se a caminho de Damasco, na Síria, numa viagem bastante longa que demorou cerca de 7 dias. Ao chegar às portas da cidade, eis que acontece algo de extraordinário que ninguém consegue descrever: uma luz brilhante vinda do céu fez cair Saulo por terra. Nessa luz, ele viu a face de um homem celestial e ouviu uma voz misteriosa que lhe disse em hebraico: «Saulo, Saulo, porque me persegues?». Assustado, perguntou: «Quem és tu, Senhor? Respondeu: Eu sou Jesus a quem tu persegues» (Act 9, 4-5). Saulo levantou-se do caminho em que estava prostrado e apercebeu-se de que estava cego²⁰. Esta queda, que é mais brusca do que a simples queda de cima de um cavalo, é o sinónimo de uma mudança radical na sua vida. Esta cegueira, que é mais do que a simples faculdade de não conseguir ver, é sinónimo da passagem do homem velho para o homem novo²¹.

Completamente rendido ao céu que se rasgou perante a sua miséria, Paulo, o forte, é agora o Paulo sem forças, que precisa da ajuda dos seus companheiros para chegar a Damasco, onde esteve 3 dias sem ver, comer ou beber (cf. Act 9, 8-9). Recém-convertido ao cristianismo, lembrou este momento várias vezes nas suas cartas: «apareceu-me

¹⁸ Carlos Mesters, *Paulo apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho*, 30.

¹⁹ Joseph Ratzinger, *Paulo o apóstolo dos gentios*, 18.

²⁰ «Deus não pediu licença. Entrou sem mais, e derrubou-o (Act 9, 14; 22, 7; 26, 14). Como Jeremias, Paulo podia dizer «Vós me seduzistes, Senhor, e eu deixei-me seduzir! Dominaste-me e derrubaste-me!» (Jr 20, 7). Caído por terra, Paulo entregou-se» (Carlos Mesters, *Paulo apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho*, 31).

²¹ «Como Ezequiel, Paulo caiu por terra, ao ver a luz da glória de Javé (Ez 1, 17-28). Luz tão forte que ele ficou cego» (*Ibidem*, 31).

também a mim, como a um aborto» (1Cor 15,8); «fui alcançado por Cristo Jesus» (Fl 3, 12); «já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20).

Entretanto, Jesus deu orientações também a um convertido chamado Ananias, que foi até à casa de Judas, onde Saulo se encontrava instalado, em oração (cf. Act 9, 11): «Vai, pois esse homem é um instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, ao reis e aos filhos de Israel» (Act 9, 15). Em espírito de obediência, foi ao encontro de Saulo, impôs-lhe as mãos e disse-lhe: «meu irmão, foi o Senhor que me enviou, esse Jesus que te apareceu no caminho em que vinhas, para recobres a vista e fiques cheio do Espírito Santo» (Act 9, 17). Depois deste momento, Ananias batizou-o e, desde aí, nunca mais parou de anunciar o Evangelho pois, como o próprio Paulo afirma, «na verdade, Cristo não me enviou a batizar, mas a pregar o Evangelho» (1 Cor 1, 17). No fundo, o Apóstolo, além de descobrir a sua vocação, descobriu ao mesmo tempo o que é a Igreja, «pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo» (1 Cor 12, 12). Concluimos que só faz sentido a sua vocação, quando descobre o verdadeiro sentido de ser Igreja, e a Igreja não é composta de um só membro, mas de muitos membros (cf. 1 Cor 12, 14).

De facto, é uma beleza enorme deixar-se enamorar pelo Evangelho de Cristo que «tem poder sobre Paulo, e agora tudo na vida de Paulo é entendido em função do Evangelho de Cristo»²². Só o amor vence as barreiras, só o amor nos faz ir ao até ao fim do mundo para anunciar a sua boa notícia que é fonte de vida. Belo é o exemplo do Apóstolo Paulo que, depois da revelação de Jesus, se entrega de forma incondicional e absoluta nas mãos dele, tal como o barro nas mãos do oleiro. O *ir* de Paulo implica movimento e ação.

²² Daniel Patte, *Paulo, sua fé e a força do Evangelho* (São Paulo: Paulinas, 1987), 99.

Implica que o Evangelho não fique parado, mas que seja um constante apelo ao coração de cada um, para que cada um escute, reze e viva a palavra de Deus²³.

Depois desta percepção, após o primeiro e decisivo encontro, Paulo recolheu-se na Arábia, a fim de preparar a sua missão apostólica. «Mas antes, esse primeiro encontro terminou em perseguição (cf. 2 Cor 11, 32: «Em Damasco o governador do Rei Aretas montou guarda à cidade dos de Damasco para me capturar»)²⁴. Após três anos, subiu pela primeira vez ao templo de Sião²⁵. Como refere Paulo, «nem subi a Jerusalém para ir ter com os que se tornaram Apóstolos antes de mim. Parti, sim, para a Arábia e voltei outra vez a Damasco» (Gl 1, 17). Deste modo, a sua primeira subida a Jerusalém ocorreu após três anos (cf. Gl 1, 18), mas nem os percalços que surgiram ao longo desta caminhada de vida o deixaram desanimar.

Em jeito de síntese, podemos resumir a conversão de Paulo: reconheceu o rosto de Cristo, amou-o e entregou-se totalmente ao Evangelho, procurando, assim, unir os povos à Boa Nova de Cristo que é fonte de água viva.

3. Viagens Missionárias

«Tudo faço por causa do Evangelho» (1 Cor 9, 23)

A partir daqui, iluminado por Deus, muitos foram os caminhos percorridos pelo Apóstolo Paulo, que dedicou a sua vida à missão. Podemos, sem dúvida, deduzir que a missão é o bilhete de identidade do Apóstolo. Sinal disso são as três grandes viagens apostólicas que levou a cabo. A primeira realizou-se antes da reunião magna, no ano 50

²³ “Crê o que lês, ensina o que crês e vive o que ensinas.” Conferência Episcopal Portuguesa, Pontifical Romano Ordenação do Bispo, Dos Presbíteros e dos Diáconos.

²⁴ Trata-se de Aretas IV dos nabateus (9 a. C. – 40 d. C.), mas os Atos não referem esta estadia, para não dar a impressão de que Paulo fugia com receio das perseguições.

²⁵ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 37.

(cf. Act 15, 2). As seguintes realizaram-se depois do referido Concílio. Ele foi, indubitavelmente, um dos grandes impulsionadores do cristianismo, mais concretamente no anúncio da palavra e na visita às comunidades nascentes.

A primeira viagem teve início na primavera do ano 45 e estendeu-se até à primavera do ano 48²⁶. A cidade de Antioquia marcou o começo do ministério de Paulo, tendo sido acompanhado nessa viagem por Barnabé. A segunda iniciou-se no ano 50 e revestiu-se de grande importância, pois assinalou a entrada do apóstolo na Europa, tendo agora como companheiro Silas²⁷. A terceira iniciou-se na primavera do ano 53²⁸ e terminou dez anos depois, aquando do seu martírio.

É curioso que, em todas as suas viagens, não se deslocou sozinho, mas sim acompanhado por amigos que o ajudavam a evangelizar os povos por onde passavam. Deste modo, nesta primeira missão embarcou Paulo, Barnabé e João Marcos. No entanto, João Marcos, a meio da viagem, deixou os seus companheiros e regressou a Jerusalém (cf. Act 13, 13).

A aventura começou quando embarcaram em Antioquia e navegaram até Chipre, pátria de Barnabé. Iniciaram, depois, os seus trabalhos missionários em Salamina. Aí, pregaram a palavra de Deus nas Sinagogas dos Judeus, como podemos constatar em Act 13, 5.

Paulo havia definido como regra que iriam pregar em terras que nunca tivessem ouvido e acolhido a semente do Evangelho (cf. Rm 15, 20). No entanto, uma vez que Barnabé conhecia muita gente em Chipre, começaram por evangelizar este povo que ele

²⁶ Bento XVI, *Os doze apóstolos: e os primeiros discípulos de Jesus nas origens da Igreja*, 11.

²⁷ *Ibidem*, 12.

²⁸ *Ibidem*, 12.

tanto amava para, depois, partirem para algo muito mais emocionante: a Ásia Menor²⁹. De qualquer forma, para se dirigirem para a parte central da Ásia Menor teriam que passar, de qualquer forma, por Chipre, importante centro de comércio e de comunicações marítimas.

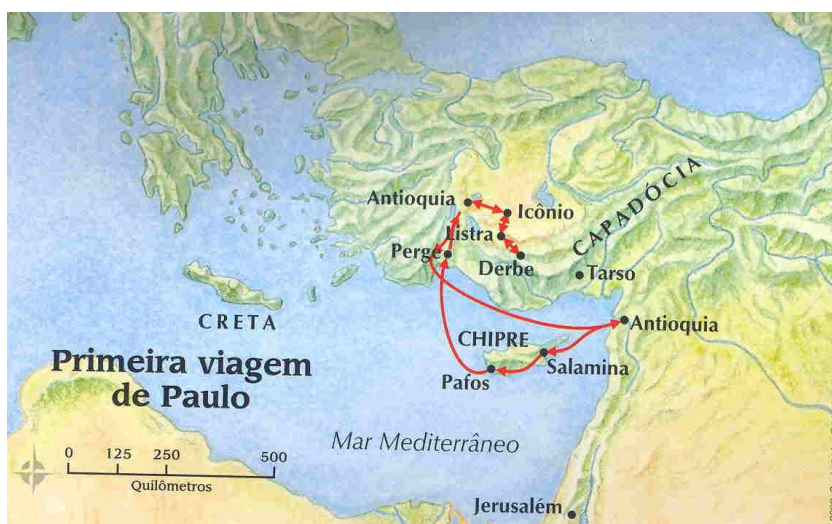


Figura 1 Primeira Vigem de Paulo

A ação do Apóstolo e do seu companheiro de viagem foi levar a semente do Evangelho aos elevados Planaltos da Panfília, da Pisídia e da Licaónia, a Derbe, Antioquia da Pisídia, a Icônio e a Lístria e de volta para Antioquia. No regresso, foram até Jerusalém, onde se debateu a incorporação dos gentios na Igreja (cf. Act 15, 6-29). Esta viagem missionária ficou, deste modo, circunscrita à Ásia Menor³⁰.

Nas cidades por onde passaram, deixaram um atrativo rasto missionário, pois em qualquer uma delas, dirigiram a palavra a todos e pregaram nas sinagogas aos sábados, sendo os seus ouvintes de variadas condições e convicções: uns eram judeus, outros convertidos ao judaísmo e outros pagãos. Estes últimos, por sua vez, aceitaram a

²⁹ “A Ásia Menor (...) seria uma proposta muito mais atrativa para uma pessoa como Paulo, com a ambição de levar o Evangelho até aos confins da Terra” (Jerome Murphy O’Connor, *Paulo, um homem inquieto, um apóstolo insuperável*, 71).

³⁰ Daniel Rops, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires* (São Paulo: Quadrante, 1988), 69.

mensagem que Paulo transmitiu, quer em Antioquia da Pisídia, quer em Icônio (cf. Act 14,1), o que provocou nos judeus uma certa inveja (cf. Act 13,44). Contudo, Paulo não perdeu tempo e continuou a entregar o seu coração à plenitude do amor no anúncio da palavra de Jesus Cristo a todos os povos, sem exceção, abrindo a porta da fé aos gentios. Devemos realçar que ele deixou nas comunidades que criara não só as suas palavras, mas também o seu testemunho.

Na verdade, o Apóstolo manifestou sempre grande amizade e dedicação às comunidades visitadas nesta missão. Foram 1500 km percorridos, banhados com o suor da sua entrega, para que a palavra de Deus fosse lançada à terra e pudesse germinar em cada coração. Paulo, pela sua dedicação a cada comunidade, deixou a presença de Cristo, porque sem dúvida que o seu coração estava inundado pela alegria que irradiava no Senhor. Com tantas dificuldades pelo caminho, lançou este desabafo: «sinto outra vez dores de parto, até que Cristo se forme entre vós!» (Gl 4, 19).

Contudo, continuando com a vontade de dar de beber à sua insaciável sede de aventura e de anúncio, o apóstolo Paulo voltou a abrir o coração à missão para anunciar o Evangelho, dando início à segunda viagem missionária, no princípio do ano 50, marcando a sua entrada na Europa.

Paulo e Barnabé, chegados a Antioquia da Síria, após o Concílio de Jerusalém, vinham agora acompanhados de Judas e Silas, com o intuito de comunicar as decisões daí emanadas. Tal como na primeira viagem, voltou a sair de Antioquia da Síria mas, devido a alguns incidentes surgidos entre os seus companheiros³¹, decidiram separar-se. Enquanto que Barnabé e João Marcos voltaram para Chipre, Paulo e Silas, prosseguiram viagem. Timóteo juntou-se a eles, em Listra (cf. Act 15, 37-16, 3).

³¹ “O jovem Marcos era um rapaz cheio de fé, entusiasmo e boa vontade, mas não tinha o temperamento ardente e determinado de Paulo” (Teodoro de Faria, *Paulo, de Jerusalém a Roma*, 64).

O Apóstolo e os seus novos companheiros percorreram os caminhos ao encontro das comunidades já criadas ao longo da sua primeira missão de evangelização em Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia. Mas Paulo não permitiu nunca que o Espírito da missão ficasse fechado dentro de si. Tinha um gosto imenso em continuar a percorrer caminhos que não conheciam, partindo à conquista de novos desafios.

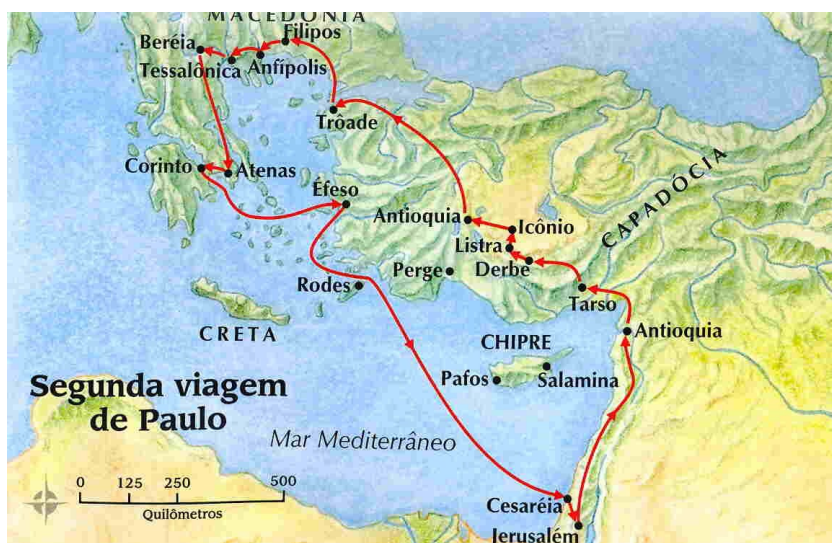


Figura 2 Segunda Viagem de Paulo

Assim, «Paulo e Silas atravessaram a Frígia e o Território da Galácia, pois o Espírito Santo impediu-os de anunciar a Palavra na Ásia. Chegando à fronteira da Mísia, tentaram dirigir-se à Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu. Atravessaram, então, a Mísia e desceram a Tróade» (Act 16, 6-8). Já em Tróade, o Apóstolo Paulo «teve um sonho onde Deus lhe revelou o futuro da sua evangelização»³². Ao partilhar com os seus companheiros o sonho, estes perceberam que Deus os convidava a deixar a Ásia Menor e os incitava a dar um passo maior rumo à Europa, nomeadamente à Macedónia.

³² Teodoro de Faria, *Paulo, de Jerusalém a Roma*, 66.

Deste modo, aceitando o desafio, chegaram à cidade de Filipos, que se tornou a «porta entre a Ásia e a Europa»³³. Filipos foi, sem dúvida, uma comunidade que marcou intensamente o Apóstolo Paulo. É de salientar que eles demoraram pouco tempo neste local, mas foi o suficiente para criar uma comunidade viva e estabelecer fortes laços de amizade: «por causa da vossa participação no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora» (Fl 1, 5). Foi, pois, segundo as suas próprias palavras, a única comunidade que o ajudou financeiramente (cf. Fl 4, 15-16). Foi também em Filipos que Paulo batizou Lídia e na casa desta mulher «nasceu a primeira Igreja cristã na Europa»³⁴.

Após este momento que viria a transformar para sempre a religiosidade europeia, eis chegada a hora de partir rumo a Tessalónica. Aí Paulo exerceu a sua profissão, conciliando no dia-a-dia o trabalho com a evangelização. A palavra anunciada pelo apóstolo tinha sido acolhida por judeus, pagãos e muitos «tementes a Deus» (cf. Act 17, 1-4). Paulo e os seus companheiros reuniram forças e partiram para a cidade de Bereia, onde foram bem aceites (cf. Act 17, 10-11). Paulo não permaneceu por ali muito tempo e seguiu então para Atenas e Corinto (cf. Act 17, 16.18, 1).

Já em Atenas, podemos dizer que a missão foi, de certa forma, fracassada: «enquanto os Judeus pedem sinais e os Gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os Judeus e loucura para os gentios» (1 Cor 1, 22-23).

Quanto a Corinto, aí permaneceu durante algum tempo a ensinar o Evangelho, tendo ficado hospedado em casa de Áquila e Priscila, que foram preciosos colaboradores na tarefa evangelizadora. Neste local, o Senhor reconfortou-o e encorajou-o, dizendo-lhe numa aparição: «Nada temas, continua a falar e não te cales, porque Eu estou contigo e

³³ *Ibidem*, 67.

³⁴ Teodoro de Faria, *Paulo, de Jerusalém a Roma*, 70.

ninguém porá as mãos em ti para te fazer mal, pois tenho um povo numeroso nesta cidade» (Act 18, 9-10).

A terceira viagem missionária iniciou-se na primavera do ano 53. Depois da visita à comunidade da Galácia e da Frígia, Paulo dirigiu-se para Éfeso, onde começou a pregar. Foi nesta cidade que escreveu a carta aos Gálatas e a primeira aos Coríntios.

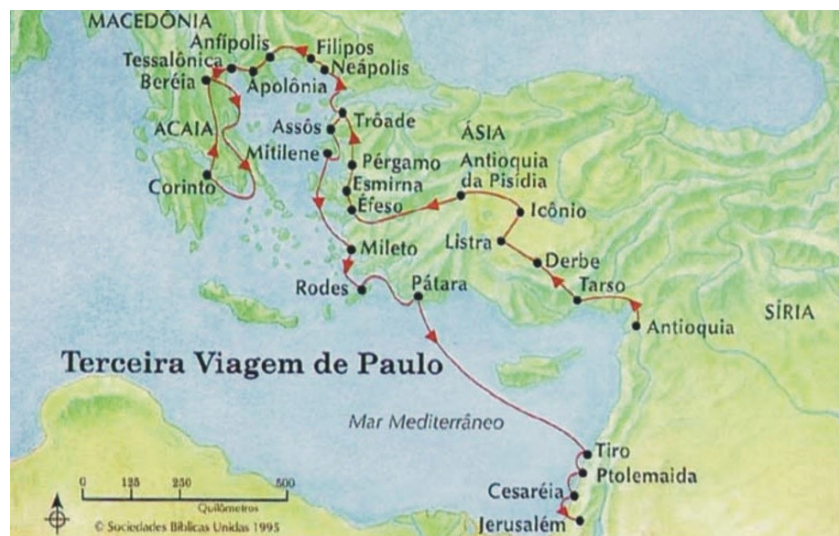


Figura 3 Terceira Viagem de Paulo

Apesar do seu esforço, o apóstolo, nesta primeira carta, não conseguiu fazer passar a sua mensagem e decidiu ir lá pessoalmente, no verão do ano 55, a fim de tentar fortalecer os laços da comunidade. Não terá corrido muito bem, o que levou ao fracasso da sua viagem, tendo, deste modo, regressado a Éfeso. Aqui voltou e escreveu-lhes uma segunda carta que enviou por Tito. Entretanto, decidiu permanecer durante mais algum tempo em Éfeso, visto que brevemente se celebrariam as grandes festas de Artemisa (deusa da fertilidade), que atraía muita gente à cidade. Estas festividades apresentavam-se como uma oportunidade única para difundir, de forma abrangente e rápida, a mensagem do Evangelho.

O Apóstolo, após momentos difíceis vividos em Coríntio e em Éfeso, não desanimou e dirigiu-se a Tróade e posteriormente à Macedónia. De regresso a Coríntio, já no final do ano 57, início de 58, escreveu a Carta aos Romanos, num período calmo da sua vida. Esta carta foi escrita já no final da terceira viagem missionária, pouco antes de regressar a Jerusalém. Paulo deu grandes passos: por um lado, terminou a evangelização no Mediterrâneo Oriental e, por outro, fez emergir em cidades de grande importância desta região novas comunidades cristãs.

Deste modo, o seu projeto de evangelização virou-se agora para o Ocidente, pois era ainda desejo de Paulo visitar a Igreja de Roma que, há muito, ansiava conhecer (cf. Rm 1, 13; 15, 22; 15, 24; 15, 28), pois tinha conhecimento que aí existia uma fervorosa comunidade cristã (cf. Rm 15, 20). No entanto, antes de chegar a Roma, foi até Jerusalém para entregar a coleta que tinha recolhido das Igrejas emergentes. Com efeito, Roma seria a rampa de lançamento para o Ocidente³⁵.

Priscila e Áquila (casal que Paulo conheceu em Corinto) já tinham deixado Roma após a expulsão dos Judeus, no ano 49, pelo imperador Cláudio (cf. Act 18, 1-3). Iam agora à sua frente, abrindo caminhos para a sua chegada. Tendo aprendido com o Apóstolo, eles estavam conscientes da importância da propagação do evangelho. Por isso é que voltaram novamente àquela cidade, cerca de 13 anos depois de terem sido expulsos de lá. A missão destes daria a Paulo mais tempo para preparar a carta aos Romanos. Eles prometeram-lhe que, assim que abrissem as fronteiras das comunicações, após o inverno, lhe enviariam um relatório para completar a sua carta dirigida à comunidade de Roma,

³⁵ Jerome Murphy O'Connor, *Paulo, um homem inquieto um apóstolo insuperável*, 258.

visto que Paulo não a conhecia pessoalmente. Escreveu essa carta enquanto estava de passagem para Espanha³⁶ (cf. Rm 15, 23-24).

Não podemos negar que ele tinha um desejo profundo de ser aceite e de pertencer à comunidade de Roma, pois queria ser enviado como missionário desta comunidade. Sempre sedento de mais, tinha a intenção que o encarregassem de agir em seu nome, como já anteriormente tinha acontecido em Antioquia³⁷. Contudo, precisamos de recorrer ao significado da palavra προπέμπεσθαι (*ser enviado*) que implica, antes de mais, uma responsabilidade espiritual, mas também assumir um espírito de missão. Neste sentido, Paulo pediu aos Romanos que esta viagem estivesse presente nas suas orações (cf. Rm 15, 30-31).

Segundo a informação em Act. 28, 30, quando o Apóstolo chegou a Roma, permaneceu aí durante dois anos numa casa alugada. Na própria carta que escreveu, preocupou-se em pôr em evidência alguns temas importantes, nomeadamente a prática da hospitalidade (cf. Rm 12, 13), uma vez que muitos tinham sido educados no *ethos* cultural do Mediterrâneo Oriental para com os viajantes³⁸; a partilha realizada com generosidade (cf. Rm 12, 8); entre outros³⁹. Espelhou também neste escrito o que é a essência de uma comunidade: «Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde; não vos julgueis sábios por vós próprios» (Rm 12, 16).

S. Paulo foi, sem dúvida, aquele que abraçou o evangelho e que não teve medo de o anunciar, pois foi o amor de Cristo que o confortou e o levou a chegar à meta que é Cristo. Nada nem ninguém o conseguia afastar deste amor (cf. Rm 8, 35).

³⁶ Valmor da Silva, *Paulo apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus* (Prior Velho: Paulinas, 2005), 68.

³⁷ Jerome Murphy O'Connor, *Paulo, um homem inquieto um apóstolo insuperável*, 259.

³⁸ *Ibidem*, 258.

³⁹ Valmor da Silva, *Paulo apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus*, 71.

4. Etapa final da vida do Apóstolo Paulo

«É cristo que vive em mim» (Gal 2, 20)

E quanto ao fim da etapa terrena de São Paulo? Como foi? Que testemunho fica? Que últimos desafios enfrentou?

Será de todo o interesse perceber um pouco desta reta final da vida do Apóstolo Paulo. Como já nos apercebemos, não lhe faltaram obstáculos para enfrentar, visto que, para além de lançar das redes na difusão do Evangelho pelo mundo, procurou também vencer os obstáculos das perseguições que sofreu desde que se entregou totalmente nas mãos de Deus. Desafios esses que «enfrentou com coragem por amor de Cristo»⁴⁰.

Para além disso, o facto de Paulo estar preso não foi um obstáculo, nem perante o perigo da morte, nem no meio de tantos trabalhos por que passou. Assim foi, porque o «evangelho continuava a ser anunciado»⁴¹, e o próprio Lucas reforçou esta ideia, afirmando: «com maior desassombro e sem impedimentos» (Act 28, 31).

Com efeito, o livro dos Actos dos Apóstolos deixa-nos um relato da quantidade de vezes que Paulo teve de enfrentar enormes obstáculos mas, para ele, nada foi impedimento para espalhar a Boa Nova. A Palavra de Deus é livre, nunca se aprisiona, nem durante os tempos de perseguição (cf. Act 9, 23-24; 9, 29; 13, 8; 13, 50; 14, 5), nem nas prisões (cf. 2 Cor 11, 2-3), nomeadamente em Filipos (cf. Act 16, 23) ou em Jerusalém (cf. Act 21, 33), nem numa só cidade (cf. Act 28, 20. 30). Já dizia o Profeta Isaías que «assim como a chuva

⁴⁰ Joseph Ratzinger, *Paulo o apóstolo dos gentios*, 20.

⁴¹ Carlos Mesters, *Paulo apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho*, 107.

e a neve descem do Céu, e não voltam mais para lá, senão depois de empapar a terra, de a fecundar e fazer germinar, para que dê semente ao semeador e pão para comer, o mesmo sucede à Palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, sem ter realizado a minha vontade e sem cumprir a sua missão» (Is 55, 10-11).

Posta à prova esta sua capacidade extraordinária de “empapar” os corações com a Palavra de Deus, surgiu um último desafio: aquela que era para ser uma estadia prolongada em Roma, acabou por ser uma passagem breve, pois a Espanha chamava-o e esperava o seu testemunho. Dentro deste último desafio, também as coisas sucederam de forma imprevista – acabou por ser preso e libertado ainda em Roma, local onde o martírio o esperava. «Cerca do ano 67 acaba por sofrer o martírio»⁴², no tempo do Imperador Nero. Aquele que um dia se deixou cair aos pés de uma luz brilhante, nas estradas poeirentas até Damasco, olhava agora frente a frente o rosto luminoso daquele que deu um sentido à sua vida: «para mim viver é Cristo e morrer, um lucro» (Fl 1, 21).

5. Uma carta entre cartas

O epistolário paulino é rico e diversificado. Neste ponto, a fim de enquadrarmos devidamente o contexto particular da carta aos romanos, far-se-á primeiramente um breve percurso pelo trabalho literário de Paulo, no que concerne à génese das suas cartas, estilo, conteúdo, autores e contextos. Posteriormente, passaremos para o caso concreto do texto aos romanos, focando-nos especialmente na sua história e redação.

⁴² Teodoro de Faria, *Paulo, de Jerusalém a Roma*, 195.

5.1. Cartas

«Foi com muitas lágrimas que vos escrevi» (2 Cor 2, 4)

Paulo só escreveu cartas ou epístolas? Terá Paulo escrito todas as cartas do Corpus Paulino? Que revelam estas cartas? E porquê escrevê-las? Será que relata o seu caminho de evangelização? Ora, para responder a estas questões, precisamos de entender que «antes das cartas ou das epístolas está a vida da comunidade onde Paulo escreveu/inscreveu o evangelho, ao ponto de afirmar: vós sois a minha carta escrita» (cf. 2 Cor 3, 2)⁴³.

Mas ainda antes de mergulharmos no epistolário paulino, importa, em primeiro lugar, compreender o contexto em que o apóstolo se move. Com efeito, podemos contemplá-lo tanto nos seus escritos, como nos que escreveram outros autores do Novo Testamento, bem como nos que vieram logo a seguir, já na tradição eclesial. Na verdade, «é significativo que o apóstolo forneça poucas informações sobre si mesmo. Isto mostra que desde o início a grande viagem do apóstolo foi uma viagem interior»⁴⁴. Não obstante, continuamos a querer saber mais sobre este homem, com quem conviveu, por onde passou anunciando o Evangelho e sobre o ambiente e o mundo onde tudo isto ocorreu.

Neste contexto, Paulo, ao longo da sua missão de evangelização, deixou-nos um grande tesouro ao escrever as suas cartas às Igrejas por ele fundadas, exceto a comunidade de Roma, com as quais tinha uma estreita relação de fraternidade, cordialidade e respeito. As principais motivações com que escrevia eram, em primeiro lugar, a situação da comunidade em concreto e, em segundo lugar, a resposta a alguma interrogação feita ao apóstolo.

⁴³ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 66-67.

⁴⁴ *Ibidem*, 12.

Ao olhar para trás, apercebemo-nos, hoje, que Paulo compôs as suas cartas, «tanto sozinho como em colaboração, não foi ele quem, pessoalmente, as registou no papel. A maior parte dos epistológrafos da Antiguidade usavam um secretário profissional e o Apóstolo não foi exceção»⁴⁵. Exemplo é o secretário que escreve a Carta aos Romanos e que torna «óbvia a sua presença na nota: “Saúdo-vos, eu, Tércio, que escrevi esta carta, no Senhor” (cf. Rm 16, 23). Este é o único caso em que um dos secretários do Apóstolo intervém e se identifica pessoalmente»⁴⁶. Contudo, esta liberdade de Tércio diz muito acerca do seu relacionamento com Paulo: podemos constatar que era mais do que um simples empregado.

Com efeito, às cartas que São Paulo escreveu às comunidades por onde passou, denominamos “Escritos Paulinos”, a saber: Carta aos Romanos; I e II Cartas aos Coríntios; Carta aos Gálatas; Carta aos Efésios; Carta aos Filipenses; Carta aos Colossenses, I e II Cartas aos Tessalonicenses; I e II Cartas a Timóteo; Carta a Tito e, por fim, a carta a Filémon, sendo que a Carta aos Hebreus não é considerada escrita por São Paulo.

Não obstante, «para conhecer a vida e algo sobre a própria personagem do apóstolo», é necessário considerar as «sete cartas indiscutíveis de Paulo, chamadas protopaulinas»⁴⁷, que a seguir se elencam: Romanos; I e II Coríntios; Gálatas; Filipenses; I aos Tessalonicenses e a Filémon. Já as Cartas aos Efésios, aos Colossenses e II Tessalonicenses são chamadas deutero-paulinas, ao passo que denominamos trito-paulinas a I e II Timóteo e a Tito, dado que «apresentam já uma idealização da figura de Paulo, uma devoção incondicionada ao apóstolo»⁴⁸.

⁴⁵ Jerome Murphy-O'Connor, *Paulo escritor de cartas: o seu mundo, as suas opções, as suas técnicas* (Prior Velho: Paulinas, 2010), 16.

⁴⁶ *Ibidem*, 17.

⁴⁷ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 13.

⁴⁸ *Ibidem*, 14.

Paulo mostra, em Filipenses, que para ele escrever é uma alegria (cf. Fl 3, 1-4, 1). Naturalmente, «escreve de maneira pública, para dar testemunho da verdade de maneira visível, não escondida; escreve à maneira de Jesus na paixão de Pilatos (cf. Jo 18, 37). Paulo tem um grande cuidado quando escreve, procura ser preciso, ainda que por vezes também seja diplomático: “não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar, mas para vos advertir como filhos meus bem amados...” (1 Cor 4, 14)»⁴⁹. Escreve por amor, pois fá-lo como um pai que avisa: «por isso, estando ausente, vos escrevo estas coisas, para que, uma vez presente, não tenha de usar de rigor, conforme o poder que o Senhor me deu para edificar e não para destruir» (2 Cor 13, 10).

A curiosidade desperta-nos o interesse de ir mais longe, visto que o tesouro que o Apóstolo Paulo deixou é grandioso, desde que iniciou a sua missão de evangelização até ao fim da sua última viagem. Qual é a beleza deste tesouro? Tem uma história? Tem um caminho? E tem rostos? Ao procuramos enquadrar este tesouro nas viagens missionárias do Apóstolo Paulo, damos-nos conta de que nem todos os teólogos estão de acordo em relação à altura em que estas foram escritas. Partilhamos aqui a visão de dois autores, a saber: Carlos Mesters e Miguel Salvador Garcia. Vejamos: na primeira viagem missionária, não há registos de qualquer carta escrita. Já na segunda viagem missionária, há registo da 1º e 2º Carta aos Tessalonicenses. Quanto à terceira viagem missionária, encontram-se as que se seguem: 1º e 2º aos Coríntios; aos Romanos; e aos Gálatas. E, por fim, quando esteve preso, redigiram-se as cartas aos Efésios; aos Colossenses; aos Filipenses e o bilhete a Filemón.

Podemos concluir que, a par da força da palavra dita, é das mãos de Paulo que sai toda uma escritura normativa que abrange várias áreas do conhecimento donde se

⁴⁹ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 70-71.

evidenciam grandes contributos para o direito, mas sobretudo para a filosofia e teologia. Assim, a pena é para Paulo como a arma que um soldado utiliza durante o combate. Paulo ocupa, na verdade, um lugar de destaque, comandando as tropas que constituem as primeiras comunidades cristãs: «do seu próprio punho compõe cartas e/ou epístolas, e do seu próprio punho escreve teologia, reflete, pensa, aprofunda, credibiliza a fé, medita e ausculta o mistério santo. O punho é a sua inteligência com toda a bagagem cultural que o acompanha»⁵⁰.

5.2. História da Carta aos Romanos

«Nenhum atleta é coroado, se não luta» (2 Tim 2, 5)

Uma vez que o ardor missionário de Paulo estava continuamente vivo e aceso, a sua busca por novos horizontes tornava-se insaciável. Por isso, uma vez que o Apóstolo tinha um encanto muito grande pela cidade de Roma, expressou desde cedo o seu desejo de aí anunciar o Evangelho (cf. Rm 1, 10-13) e, por isso, Roma «decidiu ele, seria a sua rampa de lançamento para o Ocidente»⁵¹. Deste modo, estando ainda o Apóstolo em Corinto, determinou que a sua missão de Evangelização tinha terminado na parte ocidental do Mediterrâneo e que era chegada a hora de desprender-se das comunidades por ele fundadas. Tinha chegado, portanto, o momento de fazer uma experiência evangelizadora num lugar onde o cristianismo já estivesse implementado, e nada melhor do que a cidade de Roma⁵².

⁵⁰ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 67.

⁵¹ Jerome Murphy-o'Connor, *Paulo um homem inquieto, um apóstolo insuperável*, 258.

⁵² Quanto a ele, completou sua atividade missionária na Ásia Menor e na Grécia. As igrejas que estabeleceu naquelas regiões podem continuar a obra por si mesmas, o que significa que os problemas surgidos naquelas igrejas foram resolvidos satisfatoriamente. Agora está livre para partir e proclamar o evangelho em lugares

Foi, neste contexto, em Corinto, que Paulo teve o primeiro contacto com um casal romano: Priscila e Áquila, que tinham sido expulsos de Roma, pois «durante o reinado de Cláudio (41-54 d. C.) expandia o Cristianismo em Roma e a sua atividade frente ao Judaísmo, e os romanos estiveram marcados pelas consequências do decreto imperial de expulsão»⁵³. Na verdade, em pleno ano 49, o Imperador Cláudio publicou o Édito em que mandou expulsar todos os Judeus da capital do Império, «por causa dos distúrbios causados por “Crestos”. Este nome certamente se refere a Cristo (Crestos e “Cristos”) seria pronunciado quase do mesmo modo»⁵⁴. Portanto, os cristãos foram, assim, obrigados a abandonar a cidade e a partir para outros lugares, chegando a Corinto no ano 49. O Livro dos Actos dos Apóstolos refere-nos, a este propósito, que «encontrou ali um Judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália com Priscila, sua mulher, porque um édito de Cláudio ordenara que todos os judeus se afastassem de Roma. Paulo foi procurá--los» (Act 18, 2).

Neste sentido, Priscila e Áquila foram desafiados por Paulo a regressarem a Roma, treze anos depois da sua expulsão, a fim de que agissem como seus anunciadores. Com isto, o objetivo de Paulo era, em primeiro lugar, que eles propagassem o Evangelho, para que, quando Paulo chegasse «a Roma, a comunidade sentisse que ele era um deles e merecia representar a Igreja»⁵⁵. Assim o fizeram, tanto eles como Timóteo. Não obstante, estes propuseram-lhe que escrevesse àquela comunidade uma carta mais pessoal, que revelasse um pouco de si e da sua teologia, já que as cartas que até então ele tinha escrito

onde ainda não foi anunciado, e especialmente na Espanha, que é o extremo oeste do “mundo habitado” (Daniel Patte, *Paulo: sua fé e a força do Evangelho*, 336).

⁵³ David Álvarez Cineira, *Pablo y el Imperio Romano* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2009), 114-115.

⁵⁴ Daniel Patte, *Paulo, sua fé e a força do Evangelho*, 339.

⁵⁵ Jerome Murphy-O'Connor, *Paulo, um homem inquieto, um apóstolo insuperável*, 261.

correspondiam, de certo modo, a problemas particulares em comunidades das quais conhecia os seus membros.⁵⁶

Com efeito, a «origem da comunidade de Roma constitui um enigma. Não conhecemos os primeiros seguidores de Jesus na Capital do Império, o que leva a pensar que os romanos aceitaram o Cristianismo sem milagres notáveis e sem proclamação da fé por parte dos apóstolos. A comunidade cristã surge no âmbito do judaísmo romano e durante os seus primeiros anos de existência»⁵⁷. Assim sendo, «formaram grupos de crentes missionários no interior da sinagoga. Estes deviam ser judeus de nascimento e convertidos, mas devem ter sido também tementes a Deus que se identificavam com a comunidade judaica e frequentavam a sinagoga. Em Roma, existiu por várias gerações uma grande comunidade judaica que, às vezes, tinha uma existência precária. Os seus membros pertenciam, além de tudo, às classes sociais inferiores, vivendo e trabalhando nos bairros mais pobres da capital e, mais do que uma vez, foram obrigados a deixar a cidade. Tinham feito esforços enormes, como era hábito para os judeus da diáspora nos centros urbanos, para adaptar-se ao ambiente social e político, sobretudo para demonstrarem que eram leais súbitos de Roma sem pôr em causa a sua fé e a sua identidade. Sobre este aspeto o que mais impressiona é que certas sinagogas do I século recebem o nome de romanos importantes entre os quais o próprio imperador»⁵⁸.

Posto isto, a Carta aos Romanos foi redigida pelo Apóstolo Paulo «em Corinto por volta dos anos 57 a 58 a. C. na sua terceira viagem missionária»⁵⁹, sendo esta «o seu último escrito autêntico e seu testamento espiritual»⁶⁰. Contudo «parece que Paulo está na Grécia,

⁵⁶ *Ibidem*, 261.

⁵⁷ David Álvarez Cineira, *Pablo y el Imperio Romano*, 113-114.

⁵⁸ Eugene Boring M., *Introduzione Al Nuovo Testamento*, vol. 1 (Brescia: Paideia Editrice, 2016), 454.

⁵⁹ Cf. José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 293.

⁶⁰ António Couto, *Uma palavra é melhor do que um presente* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 275.

mas uma datação exata é impossível»⁶¹. Efetivamente, esta foi a única carta que Paulo escreveu a uma Igreja que ele próprio não conhecia, finalizando assim a sua missão no oriente. Então, antes de dirigir-se para Espanha e de passar primeiramente em Roma, foi a Jerusalém para levar a coleta que tinha recolhido, fazendo-se acompanhar por um grupo de representantes das várias Igrejas por ele fundadas (cf. Act 20, 4). E Paulo, na carta que escreveu aos romanos, pediu aos cristãos: «Exorto-vos, irmãos, por Nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, a que luteis comigo, pelas orações que fazeis a Deus por mim, para que escape dos incrédulos da Judeia e para que este meu serviço a Jerusalém seja bem acolhido pelos santos» (Rm 15, 30-31). Com efeito, devido a várias dificuldades, «Paulo será preso em Jerusalém. Daqui seguirá para Cesareia e para Roma, onde dará a sua vida por Cristo e pela unidade das Igrejas em Cristo»⁶².

No seguimento do exposto, é de extrema importância recordar que o «último escrito saído da mão de Paulo, obra madura, amadurecida nas esperanças e nas dores, súpula das suas cartas anteriores (cf. 1 Ts, Gl, Fl, 1 Cor, 2 Cor, Flm) e de todas elas a mais extensa (7101 palavras) e completa, a Epístola aos Romanos pode considerar-se também o seu testamento»⁶³.

Logo no início da Carta aos Romanos, que identificou Paulo como autor do próprio escrito (cf. Rm 1,1), compreendemos que o Apóstolo pediu a Tércio para colaborar com ele na elaboração desta carta (cf. Rm 16, 22). Recordemos que, por esta altura, a sua idade já seria avançada. Assim sendo, dirigiu-a «a todos os amados de Deus que estão em Roma, chamados a ser santos: graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!» (Rm 1, 7). Mais ainda, é curioso observarmos que, no capítulo 16, elencou também uma saudação a vinte e seis pessoas, na qual tratou cada uma delas pelo seu nome

⁶¹ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 293.

⁶² José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 277.

⁶³ António Couto, *Uma palavra é melhor do que um presente*, 276.

(cf. Rm 16, 1-16). Esta saudação compreende-se, pois «como Paulo não conhece a comunidade, joga a seu favor o facto de mencionar os nomes de cristãos de Roma que terá conhecido noutros lugares»⁶⁴.

Em relação ao conteúdo de Romanos «não é símbolo de fé, mas síntese complexa de teologia. Estão ausentes temas como a Eucaristia, a Igreja, a Ressurreição, os ministérios. Os temas mais comuns em Rom estabelecem a relação pecado-graça, justiça-lei, bem-mal, lei-fé, Israel-pagãos (e é no contexto desta última relação que Paulo aborda a questão da natureza da Igreja)»⁶⁵. Contudo, «a investigação hoje atesta a autoria e a autoridade paulina de Rom, excetuando 16, 25-27, apesar do papel de Tércio na redação da mesma (v. 22). Mas não deixa de ser uma carta autoral e autorial do apóstolo, unitária, e apresenta muitos vocábulos comuns a 1-2 Cor, Fl e Gl, mas mais refletidos e mais fundamentados»⁶⁶

⁶⁴ António Couto, “Romanos (Epístola aos),” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, ed. João Bogotte Chorrão (Lisboa: Verbo, Lisboa, 2002), vol. 25, 854-860.

⁶⁵ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 293.

⁶⁶ Cf. José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo* (Porto: Universidade Católica Editora, 2017), 292.

II. O Texto e o seu contexto

Após a contextualização da vida e obra de Paulo, no decorrer deste capítulo terá início o estudo particular do texto em análise. Para tal, após a transcrição do original em grego e da respetiva tradução, seguir-se-á uma abordagem dos seus aspectos literários, estrutura e delimitação. Finalizar-se-á com uma referência à intertextualidade entre esta carta e os restantes escritos paulinos.

1. Texto e tradução

Tendo em conta uma primeira aproximação a Rm 6, 1-14, o texto será apresentado no original grego⁶⁷. Ao longo desta investigação, usaremos a versão portuguesa da Difusora Bíblica⁶⁸. Para uma maior clareza na identificação dos versículos, o seu número é apresentado em linha de texto.

1 Τί οὖν ἐροῦμεν; Ἐπιμένομεν τῇ ἁμαρτίᾳ, ἵνα ἡ χάρις πλεονάσῃ;

2 Μὴ γένοιτο. Οἵτινες ἀπεθάνομεν τῇ ἁμαρτίᾳ, πῶς ἔτι ζήσομεν ἐν αὐτῇ;

3 ἢ ἀγνοεῖτε ὅτι, ὅσοι ἐβαπτίσθημεν εἰς Χριστὸν Ἰησοῦν, εἰς τὸν θάνατον αὐτοῦ ἐβαπτίσθημεν;

⁶⁷ E. Nestlé – K. Aland, *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993)²⁷, 418-419.

⁶⁸ Bíblia Sagrada, Lisboa e Fátima: Difusora Bíblica, 2014.

4 συνετάφημεν οὖν αὐτῷ διὰ τοῦ βαπτίσματος εἰς τὸν θάνατον, ἵνα ὡσπερ ἠγέρθη Χριστὸς

ἐκ νεκρῶν διὰ τῆς δόξης τοῦ πατρὸς, οὕτως καὶ ἡμεῖς ἐν καινότητι ζωῆς περιπατήσωμεν.

5 εἰ γὰρ σύμφυτοι γεγονάμεν τῷ ὁμοιώματι τοῦ θανάτου αὐτοῦ, ἀλλὰ καὶ τῆς ἀναστάσεως ἐσόμεθα·

6 τοῦτο γινώσκοντες ὅτι ὁ παλαιὸς ἡμῶν ἄνθρωπος συνεσταυρώθη, ἵνα καταργηθῇ τὸ σῶμα τῆς ἁμαρτίας, τοῦ μηκέτι δουλεύειν ἡμᾶς τῇ ἁμαρτίᾳ·

7 ὁ γὰρ ἀποθανὼν δεδικαίωται ἀπὸ τῆς ἁμαρτίας.

8 εἰ δὲ ἀπεθάνομεν σὺν Χριστῷ, πιστεύομεν ὅτι καὶ συζήσομεν αὐτῷ,

9 εἰδότες ὅτι Χριστὸς ἐγερθεὶς ἐκ νεκρῶν οὐκέτι ἀποθνήσκει, θάνατος αὐτοῦ οὐκέτι κυριεύει.

10 ὁ γὰρ ἀπέθανεν, τῇ ἁμαρτίᾳ ἀπέθανεν ἐφάπαξ· ὁ δὲ ζῆ, ζῆ τῷ θεῷ.

11 οὕτως καὶ ὑμεῖς λογίζεσθε ἑαυτοὺς [εἶναι] νεκροὺς μὲν τῇ ἁμαρτίᾳ ζῶντας δὲ τῷ θεῷ

ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ.

12 Μὴ οὖν βασιλευέτω ἡ ἁμαρτία ἐν τῷ θνητῷ ὑμῶν σώματι εἰς τὸ ὑπακούειν ταῖς ἐπιθυμίαις αὐτοῦ,

13 μηδὲ παριστάνετε τὰ μέλη ὑμῶν ὄπλα ἀδικίας τῇ ἁμαρτίᾳ, ἀλλὰ παραστήσατε ἑαυτοὺς

τῷ θεῷ ὡσεὶ ἐκ νεκρῶν ζῶντας καὶ τὰ μέλη ὑμῶν ὄπλα δικαιοσύνης τῷ θεῷ.

14 ἁμαρτία γὰρ ὑμῶν οὐ κυριεύσει· οὐ γὰρ ἔστε ὑπὸ νόμον ἀλλὰ ὑπὸ χάριν.

Seguidamente, apresentamos a tradução do texto em análise.

1 Que havemos de concluir? Que vamos permanecer no pecado, para que aumente a graça?

2 De maneira nenhuma! Como iríamos nós, que morremos para o pecado, viver ainda nele?

3 Ou ignorais que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?

4 Pelo Baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova.

5 De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição.

6 É isto o que devemos saber: o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele, para que fosse destruído o corpo pertencente ao pecado; e assim não somos mais escravos do pecado.

7 É que quem está morto está justificado do pecado.

8 Mas, se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos.

9 Sabemos que Cristo, ressuscitado de entre os mortos, já não morrerá; a morte não tem mais domínio sobre Ele.

10 Pois, na morte que teve, morreu para o pecado de uma vez para sempre; e, na vida que tem, vive para Deus.

11 Assim vós também: considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.

12 Portanto, que o pecado não reine mais no vosso corpo mortal, de tal modo que obedeçais às suas paixões.

13 Não entregueis os vossos membros, como armas da injustiça, ao serviço do pecado. Pelo contrário, entregai-vos a Deus, como vivos de entre os mortos, e entregai os vossos membros, como armas da justiça, ao serviço de Deus.

14 Pois o pecado não terá mais domínio sobre vós, uma vez que não estais sob a Lei, mas sob a graça.

2. Um texto Delimitado

Todo o capítulo 6 da Carta aos Romanos é uma reflexão sobre o batismo. Além de nos apercebemos que o texto em análise situa-se na 2ª parte da carta, inserido imediatamente após a parte em que Paulo fala do pecado, abrindo progressivamente horizontes para uma reflexão mais aprofundada acerca deste tema. Nesta segunda parte da carta, a partir de Rm (cf. 5, 1-21), Paulo pretende «alargar a sua reflexão de Abraão até Adão, figura que serve de ícone para explicar a nossa condição pecadora. No mundo judaico, vigorava a ideia da responsabilidade adâmica na origem do pecado: “nós somos discípulos de ti” (4 Esd 7, 118). Esta passagem, redigida por volta do fim do séc. I d. C., não é a única: “todo o pecado que atingiu a criação aconteceu por minha causa” (ApMoi 32). Todavia, esta relação é desequilibrada pelo apóstolo através da figura retórica do *qal Wahomer*: Adão é suplantado por Cristo (5, 1-21) e passa a ser *typos* figura de Cristo»⁶⁹.

Tendo em conta o exposto, este é o capítulo em que o apóstolo reflete sobre o batismo como resposta ao pecado, o texto dá-nos logo conta que Paulo começa por responder às objeções. Vejamos através do quadro as questões que Paulo coloca no início e a meio do capítulo⁷⁰.

6, 1-14	6, 15-23
Que havemos de concluir ? Que vamos permanecer no pecado, para que aumente a graça?	Então? Vamos pecar, porque não estamos sob a Lei, mas sob a graça? De modo nenhum!

⁶⁹ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 301.

⁷⁰ Jean-Noel Aletti, “Romanos”, in *Comentário Bíblico Internacional*, ed. William R. Farmer (Navarra: Verbo Divino, Navarra, 2005), 1437.

<p>De maneira nenhuma! Como iríamos nós, que morreremos para o pecado, viver ainda nele?</p>	
<p>Ou ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?</p>	<p>Não sabeis que, se vos entregais a alguém, obedecendo –lhe como escravos, sois escravos, sois escravos daquele a quem obedeceis, quer seja do pecado que leva à morte, quer da obediência que leva à justiça?</p>

Numa primeira análise, podemos compreender os limites textuais do excerto que fala o batismo como vida em Cristo. Em 6, 1 que se apresenta uma primeira resposta da questão apresentada em Romanos 5, 20-21. Paulo conclui a sua argumentação sobre a relação de Adão/Cristo afirmando que ao morrer para o pecado, se abrem portas para um modo de vida novo. E assim Paulo afirma «Pois o pecado não terá mais domínio sobre vós, uma vez que não estais sob a Lei, mas sob a graça» (6, 14). E em 6,15, Paulo volta a colocar algumas interrogações para que percebam a importância deste tema.

Neste sentido, no excerto em análise, a temática do Batismo é central. Na linha de pensamento de São Paulo, com o Batismo somos sepultados com Cristo na morte e com Ele renascemos para a vida nova, visto que se com ele somos um só na morte, também o somos na ressurreição. Se morremos com Cristo, com Ele viveremos (cf. Rm 6, 1-11).

Ao escrever este sexto capítulo da sua carta, que começa com a seguinte questão: «Que havemos de concluir?», somos convidados a estabelecer uma ligação com Rom 3, 8: «Não será mesmo de agir conforme aquilo que certa gente caluniosamente afirma termos

dito «Façamos o mal, para que venha o bem?» É gente que justamente merece a condenação». E esta questão volta a colocar-se em Rm 4, 1: «Que havemos de dizer de Abraão nosso antepassado segundo a carne? Que obteve ele afinal?». Todas estas interrogações são como que o ponto de partida de Paulo, o que vem na linha dos versículos anteriores: «A lei interveio para aumentar a falta, mas, onde aumentou o pecado, superabundou a graça. E deste modo, tal como o pecado reinou pela morte, assim também a graça reina pela morte, assim também a graça reina pela justiça até à vida eterna, por Jesus Cristo, Senhor nosso». É assim, neste sentido, que Rm 6,1 «contribui para a primeira resposta a questão colocada em Rm 5, 20-21. Paulo conclui que o argumento sobre a relação Adão/Cristo afirmando que «estamos debaixo da Graça» que significa morrer para o pecado e viver de um modo radicalmente novo»⁷¹.

Compreendemos, desta forma, que o batismo surge no seio da carta aos romanos como uma resposta direta à problemática do pecado, visto que as anteriores respostas não se enquadravam. Por esta razão, Paulo irá salientar a palavra “pecado” 10 vezes (enquanto que de 1, 18 a 5, 21, fê-lo 38 vezes). Significa isto que o homem escapa do domínio do pecado de uma maneira radical através da morte de Cristo⁷². Este aspeto comprova-se pela forma como o Apóstolo reforça as ideias que quer transmitir, nomeadamente: «Pelo Baptismo fomos, pois sepultados com Ele na morte», «foi crucificado com Ele», «considerai-vos mortos para o pecado», «integrados nele por uma morte idêntica à sua», «morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele vivermos» e «o pecado não terá mais domínio sobre vós».

⁷¹ Chantal Reynier, *Para ler la carta a los romanos* (Navarra: Verbo divino, 2011), 65.

⁷² Romano Penna, *Lerrera ai Romani, Rom 6-11*, vol. 2 (Bologna: Edizioni Dehoniane, 2006), 15.

3. Um texto situado

São inúmeras as possibilidades de conceber a estrutura da Carta aos Romanos em estudo. Independentemente das opções da estrutura da carta analisada de diferentes autores e desta forma atendendo a estrutura que dá mais centralidade a esta passagem em estudo, escolhemos a estrutura da carta proposta por Eugene Boring M.⁷³:

1, 1-17 – Introdução da Epistola

1,18-11,36 – Primeira Parte: a Justiça de Deus na história

1,18-8,39 – A revelação da Justiça de Deus

1,18-3,20 – Necessidade da Justiça de Deus: o pecado humano universal

3,21-5,21 – Realidade da justiça de Deus: a graça divina universal

6,1-7,6 – Objecção e Resposta

6,1-14- Vós sois baptizados

6,15-23 – É escravo liberto com um novo mestre

7,1-6 – Foste liberto da lei graças à participação na morte de Cristo

9,1-11,36 – A justiça de Deus e o papel de Israel no desígnio de Deus pela

História

12,1-15,33 - Segunda parte: a justiça de Deus manifestada na vida dos crentes como resposta à graça de Deus

14,1-15,33 – A igreja aberta, antecipação do reino de Deus presente e vindouro

16,1-27 – Saudações, exortações e doxologia

⁷³ Eugene Boring M., *Introduzione Al Nuovo Testamento*, 460-461.

4. Estrutura e aspectos literários de Romanos 6, 1-14⁷⁴

A fim de saborear este excerto e de saciar a curiosidade relativamente ao seu conteúdo, precisamos de compreender, antes de mais, a forma como se encontra estruturado e qual a mensagem que se pretende transmitir. Deste modo, podemos desde já afirmar que, com este excerto extraído da Carta aos Romanos, Paulo quer salientar que o batismo é uma morte com Cristo para o pecado e, portanto, uma separação definitiva como foi a morte de Cristo. Não obstante, encontramos um paradoxo: se, por um lado, a morte é uma separação negativa, por outro, quando referimos uma morte com Cristo, referimo-nos a uma morte positiva, porque nos separa do pecado.

No que diz respeito ao excerto 6, 1-14, observamos que, nos dois primeiros versículos, Paulo exorta aos batizados que não podem mais permanecer em pecado, pois se morreram para o pecado, então estão vivos com Cristo. Neste sentido, ao longo do texto existem outras referências a “estar com Cristo”, nomeadamente nos versículos 4.5.6.8.

Seguidamente, nos versículos 3 e 4, encontramos uma breve explicação relativamente ao “como e quando da morte ao pecado”, que implica novamente os ensinamentos do Apóstolo acerca do Batismo. Em particular no versículo 4, são enunciados os pontos que vão ser limados em cada uma das subunidades seguintes. Neste sentido, encontramos entre os versículos 5 a 10 um paralelismo, ou seja, se os versículos 5 a 7 insistem na morte (com Cristo) para o pecado, já os versículos 8 a 10 insistem na vida (com Cristo). Quanto ao versículo 11, culmina-se como uma aplicação: «Assim vós também: considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus». Por fim, dos versículos 12 a 14, apresentam-se as consequências da situação dos batizados sob

⁷⁴ Jean-Noel Aletti, “Romanos”, in *Comentario Bíblico Internacional*, 1437-1439.

a forma de conselhos, reforçando a ideia de que os mortos para o pecado estão vivos para Deus.

Face ao exposto, regressando ao versículo 4, «Pelo Baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rm. 6, 4), podemos apresentar um itinerário de morte e vida com Cristo:

v. 4 a	Prepara o aspeto da morte com Cristo, que se desenvolve nos versículos 5 a 7.
v. 4 b	Prepara o aspeto da vida com Cristo para Deus, que se desenvolve nos versículos 8 a 10.
v. 4 c	Anuncia as consequências éticas que Paulo apresenta nos versículos 12 a 13.

Neste sentido, é igualmente pertinente uma apresentação detalhada sobre o paralelismo que existe entre os versículos 5 a 10, conforme se expõe na seguinte tabela:

v. 5 “De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição”.	v. 8 “Mas, se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos”.
v. 6 “É isto o que devemos saber: o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele, para que fosse destruído o corpo pertencente ao pecado; e assim não somos mais escravos do pecado”.	v. 9 “Sabemos que Cristo, ressuscitado de entre os mortos, já não morrerá; a morte não tem mais domínio sobre Ele”.
v. 7 “É que quem está morto está justificado do pecado”.	v. 10 “Pois, na morte que teve, morreu para o pecado de uma vez para sempre; e, na vida que tem, vive para Deus”.

Com efeito, o versículo 4 c prepara os seus destinatários para saborear a novidade da vida e, nessa linha, são nos apresentando em forma de quiasmo os seguintes versículos:

a)	v. 12	“Portanto, que o pecado não reine mais no vosso corpo mortal, de tal modo que obedeçais às suas paixões”.
b)	v. 13	“Não entregueis os vossos membros, como armas da injustiça, ao serviço do pecado”.
b’)	v. 13	“Pelo contrário, entregai-vos a Deus, como vivos de entre os mortos, e entregai os vossos membros, como armas da justiça, ao serviço de Deus”.
a’)	v. 14	“Pois o pecado não terá mais domínio sobre vós, uma vez que não estais sob a Lei, mas sob a graça”.

Posto isto, elaborem agora uma tabela gramatical do excerto da carta aos Romanos em análise (Rm 6, 1-14):

Nomes	45
Verbos	41
Artigos	31
Conjunções	28
Pronomes	23
Preposições	17
Adjetivos	7
Advérbios	12
Partículas	5
Total	209

A Carta aos Romanos é um tratado teológico cheio de beleza. E, nesse sentido, podemos dizer «que o apóstolo se consagra como escritor profissional»⁷⁵. Na verdade, as cartas de Paulo contêm mais ou menos o mesmo esquema. Começam, pois, com uma saudação: «Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser Apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus» (Rm 1, 1); referem, depois, o destinatário do texto: «a todos os amados de Deus que estão em Roma, chamados a ser santos: graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do senhor Jesus Cristo!» (Rm 1, 7); num terceiro momento, desenvolvem a doutrina teológica ou apresentam a parénese; e, por fim, finalizam com a conclusão que, normalmente, é extensa e inclui as saudações finais⁷⁶.

Assim, folheando a Carta aos Romanos em particular, identificamos também nela, desde logo, vários aspectos literários preponderantes, como por exemplo: hinos, catequeses, textos escriturísticos encadeados, excertos de credos primitivos, comentários à Sagrada Escritura elaborados segundo a linha rabínica da época, paralelismos, exageros semitas e até recursos próprios da retórica clássica, com especial destaque para as antíteses (vida – morte; carne – espírito; trevas – luz), para a dialética e para as diatribes (diálogos com um interlocutor imaginário)⁷⁷. É de salientar ainda que, nesta carta, existem mais de 7101 palavras distintas⁷⁸.

Continuado nesta linha, Aletti afirma que a Carta aos Romanos é, acima de tudo, persuasiva e não meramente expositiva, como propunha Kennedy, ou deliberativa, como propunha Aune. Com efeito, só seria expositiva «se Romanos fosse um texto para defender uma posição teológica, desligada da situação específica de Roma, porque Paulo pretende,

⁷⁵ Sánchez Jordi, *Introducción al estudio de la Biblia, escritos paulinos*, vol. 7 (Navarra: Verbo divino, 2011), 287.

⁷⁶ Herculano Alves, *Sementes da palavra: Novo Testamento* (Fátima: Difusora Bíblica e Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009), 157.

⁷⁷ Miguel Salvador García, *Comentario al Nuevo Testamento la casa de la Biblia Sigueme* (Salamanca: Verbo divino, 1995), 415.

⁷⁸ António Couto, *Uma palavra é melhor do que um presente*, 276.

absolutamente, afirmar valores comuns e apresentar o seu Evangelho. Mas, como Kennedy (1984,152) parece fazer ver, o propósito da carta é introduzir o Evangelho à Igreja de Roma, de modo a que esta o acolha devidamente, e, ao mesmo tempo, dissipar mal-entendidos e acalmar uma potencial oposição, parece claro que Romanos, antes de mais, é deliberativa (Aune, 1987, 219). Paulo tem uma tese para defender (cf. Rm 1, 16-17). Assim, a carta é, necessariamente, persuasiva e virada para o futuro (Aletti, 1991, 31-53)»⁷⁹.

5. Intertextualidades

Na análise da Carta aos Romanos, podemos concluir com facilidade que, nas cartas que o Apóstolo Paulo escreveu ao longo da sua missão evangelizadora, está bem patente a sua predileção pelo tema do Batismo, uma vez que, segundo os seus ensinamentos, é pelo batismo que se adquire identidade cristã (cf. Rm 6, 4).

Esta vida nova de batizados como um lugar de beleza é evidenciada nas palavras do Apóstolo Paulo ao longo de todos os seus escritos, tal como se pode observar nos exemplos que a seguir se elencam, de acordo com a Concordância do Novo Testamento: em primeiro lugar, Paulo não batiza, pois Cristo não o enviou a batizar mas a anunciar o Evangelho (cf. 1 Cor 1, 13-18); em segundo lugar, afirma que o batismo lava e santifica o cristão (cf. 1 Cor 6, 11); depois, afirma também que Cristo santificou a Igreja purificando-a por um banho de água (cf. Ef 5, 26-27); apelou ainda a que todos tenham um coração sincero e o corpo lavado numa água pura (cf. Heb 10, 22); na mesma linha, acrescentou que Deus salva o seu povo por um banho de regeneração (cf. Tito 3, 5-7); de seguida, como condição

⁷⁹ Jerome Murphy-O'Connor, *Paulo escritor de cartas, o seu mundo, as suas opções, as suas técnicas* (Prior Velho: Paulinas, 2010), 97.

para se viver com dignidade a condição de batizados, aponta o caminho do arrependimento (cf. Heb 6, 1-3); com ênfase, afirma também que na morte de Cristo, todos fomos batizados (cf. Rm 6, 3-11); do mesmo modo, proclama que todo aquele que é batizado em Cristo, está revestido de Cristo (cf. Gl 3, 27); depois, afirma que com Cristo, pelo Batismo, mergulha-se na sepultura a fim de se renascer para uma vida nova (cf. Col 2, 12); diz também que o cristão é chamado a um só Baptismo em Cristo (cf. Gl 3, 27-28); insiste constantemente que, tendo revestido o homem novo, passa a existir só Cristo (cf. Col 3, 9-11); e, por fim, lembra que se os mortos não ressuscitassem, não faria sentido o batismo (cf. 1 Cor 15, 29).

No seguimento do exposto, torna-se necessária uma contextualização mais aprofunda de alguns textos que parece que estão enquadrados dentro do mesmo tema narrado, em Romanos 6, 1-14. Observem-se alguns deles:

<p>Rom 6, 1 - 14</p> <p>1 Que havemos de concluir? Que vamos permanecer no pecado, para que aumente a graça?</p> <p>2 De maneira nenhuma! Como iríamos nós, que morremos para o pecado, viver ainda nele?</p> <p>3 Ou ignorais que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?</p> <p>4 Pelo Baptismo fomos, pois, sepultados</p>	<p>Gal 3, 26-28</p> <p>26 É que todos vós sois filhos de Deus em Cristo Jesus, mediante a fê;</p> <p>27 Pois todos os que fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo mediante a fê.</p> <p>28 Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus.</p> <p>1 Cor. 12,12-13</p>
--	---

com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova.

5 De facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição.

6 É isto o que devemos saber: o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele, para que fosse destruído o corpo pertencente ao pecado; e assim não somos mais escravos do pecado.

7 É que quem está morto está justificado do pecado.

8 Mas, se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos.

9 Sabemos que Cristo, ressuscitado de entre os mortos, já não morrerá; a morte não tem mais domínio sobre Ele.

10 Pois, na morte que teve, morreu para o pecado de uma vez para sempre; e, na vida que tem, vive para Deus.

11 Assim vós também: considerai-vos

12 Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo.

13 De facto, num só Espírito, fomos todos baptizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito.

Col 2, 12

12 Sepultados com Ele no Baptismo, foi também com Ele que fostes ressuscitados, pela fé que tendes no poder de Deus, o que o ressuscitou dos mortos.

<p>mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.</p> <p>12 Portanto, que o pecado não reine mais no vosso corpo mortal, de tal modo que obedeçais às suas paixões.</p> <p>13 Não entregueis os vossos membros, como armas da injustiça, ao serviço do pecado. Pelo contrário, entregai-vos a Deus, como vivos de entre os mortos, e entregai os vossos membros, como armas da justiça, ao serviço de Deus.</p> <p>14 Pois o pecado não terá mais domínio sobre vós, uma vez que não estais sob a Lei, mas sob a graça</p>	
--	--

A partir do quadro anterior, constatamos que, na carta aos Gálatas, «é provável, de acordo com Jurgen Becker, que a tipologia batismal do vestido ou revestimento (Revestidos de Cristo) remonte à comunidade de Antioquia, donde Paulo a terá recebido»⁸⁰. Este aspeto ajuda-nos a compreender o texto aos Romanos com o seu ritmo circular⁸¹, que no seu cerne salienta a «tradução do Baptismo como «passagem», transferência para Cristo, até ao ponto de nos «revestirmos» de Cristo (cf. Rm 13, 14), metáfora da vida nova em Cristo, com Cristo, como Cristo, outro Cristo, não de uma vez

⁸⁰ Cf. António Couto, *Uma palavra é melhor do que um presente*, 241.

⁸¹ Cf. *Ibidem*, 241.

por todas, mas um afazer todos os dias, como indica o uso do aoristo (aqui, em Rm 13, 14 e em Cl 3, 13). Registre-se o revestimento interior, a radical novidade de vida, de quem vive em Cristo»⁸².

Já no segundo texto da primeira Carta aos Coríntios, muito comum a Rm 6, 4-5, entende-se que o batismo, “sinal da união a Cristo, é também sinal de união com outros cristãos, de modo a formarem, todos juntos, o corpo de Cristo. Assim, quando alguns cristãos de Corinto pretendiam monopolizar o Espírito Santo, com os seus carismas e particularismo, Paulo argumenta-lhes com o batismo, num só Espírito”⁸³.

Na verdade, o texto aos Colossenses «é a única passagem autêntica que associa o batismo à morte de Cristo»⁸⁴, já que, como vimos, para Paulo é essencial a questão da participação do cristão na morte de Cristo. Não obstante, a partir de Rom 6, 5, a palavra “batismo” desaparece de forma bastante subtil (ao contrário do que acontece com a linguagem comum entre Rom 6, 4 e Col 2, 12).

⁸² Cf. António Couto, *Uma palavra é melhor do que um presente*, 241.

⁸³ Herculano Alves, *Sementes da palavra: Novo Testamento*, 264.

⁸⁴ Cf. António Couto, *Uma palavra é melhor do que um presente*, 244.

III. Batismo: entre o pecado e a vida nova

Finalizada a análise do texto e do contexto de Rm 6, 1-14, no seu sentido literário e formal, chegamos ao coração desta investigação: a abordagem teológica de Rm 6, 1-14. Vejamos, neste contexto, de que forma é que o batismo é abordado por Paulo e, de modo particular nesta passagem da Carta aos Romanos. Para tal, após uma introdução relativa à teologia batismal, partiremos para a análise dos termos: “batismo”, “crucificação” e “ressurreição”.

1. Teologia Batismal

Face ao exposto, comecemos por analisar de que forma é que, para Paulo, a referência ao batismo constitui o evento categórico a partir do qual os cristãos dão início à sua relação com Deus. De acordo com o seu ponto de vista, salientam-se três aspetos fundamentais nesse evento categórico: «justificação pela fé, participação em Cristo e dom do Espírito.»⁸⁵. Podemos aferir, desde já, que «a justificação é o efeito do batismo; o meio

⁸⁵ James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo* (São Paulo: Paulus, 2003), 504.

de união com Cristo é o batismo; e o Espírito é mediado pelo batismo ou conferido no batismo»⁸⁶.

O batismo é, assim, o pórtico de entrada para a vida cristã. Sinal disso são as muitas afirmações acerca desta temática nos mais diversos textos do Novo Testamento. Ora, se «pelo Baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte», o cristão espera que «tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rm 6,4). Mais ainda, «o batismo envolvia um ato público, provavelmente uma confissão pública (Rm 10,9). Além disso, constituía quase literalmente um “rito de passagem”. Os batizados por isso mesmo renunciavam aos modos antigos de vida e dedicavam-se a um novo estilo de vida. Era precisamente por isso que Paulo se referia ao seu batismo comum em Rm 6, 4 – “assim também nós devemos andar em novidade de vida”»⁸⁷.

Neste sentido, «Paulo recorda com ênfase aos romanos que neles se realizou uma conversão radical que dá uma nova configuração a toda a sua vida, a toda a sua pessoa»⁸⁸. Nessa reconfiguração que acontece no momento do batismo, o cristão participa em tudo o que aconteceu com Jesus Cristo: crucificação; morte; sepultura e ressurreição. Deste modo, na sua condição de batizado, assume em todas as fases da sua vida o próprio destino de Jesus Cristo: «o cristão escapou radicalmente ao poder e à jurisdição do pecado; para ele não há nem sombra de possibilidade de ficar prisioneiro no pecado ou de voltar a ele ou de viver para ele»⁸⁹.

Com efeito, este sacramento vincula no batizado o destino essencial de Jesus Cristo, destino que se realizou “para nós”, antecipadamente aos nossos próprios atos e ao nosso

⁸⁶ *Ibidem*, 504.

⁸⁷ James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, 508-509.

⁸⁸ Johannes Betz, *Mysterium Salutis: manual de teología como historia de la salvación* Vol. 5 (Madrid: Cristiandad, 1984), 136.

⁸⁹ *Ibidem*, 136.

batismo. Assim, de acordo com a teologia, soteriologia e cristologia de Paulo, surge de maneira clara a percepção de que, graças ao batismo, o homem velho converte-se para uma vida com Deus por meio de Jesus Cristo.

Deste modo, se o batismo é “dom do Espírito, novo nascimento, filiação”, recebe-se verdadeiramente através dele o Espírito Santo. Na verdade, «as expressões sobre o selo e unção pelo Espírito podem relacionar-se com o acontecimento batismal. Assim, reabilitados por Jesus Cristo, por pura generosidade, somos herdeiros, com esperança de uma vida eterna. É significativo como se exclui toda a ação humana para que ressalte mais a ação salvadora de Deus»⁹⁰. Ao receber o Espírito na sua totalidade, obtemos o efetivo perdão dos pecados e, por conseguinte, uma transformação do coração. É, pois, pela porta do batismo, que entramos na comunidade eclesial, purificados e limpos de toda a mancha por ação do Espírito Santo.

Posto isto e, no seguimento do exposto, Paulo lança um desafio questionando-se porque é que o batismo de Jesus é participação na morte de Cristo (cf. Mc 10, 38; Lc 12, 5). «Não sabeis?», pergunta ele, «ou ignorais que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?», questiona Paulo no versículo 3. Surge, aqui, a ideia de ser con - sepultado com Cristo pelo batismo na morte⁹¹, e a noção de que «os batizados são assumidos, imersos ao mesmo tempo na morte de Cristo»⁹².

Por isso, «de facto, se estamos integrados nele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição» (Rm 6, 5). Curiosamente, foi desta constatação que surgiu o batismo de imersão, pois «quando imersos, os batizados sofreram a morte de Cristo, sofreriam a própria morte, para que pudesse experimentar a ressurreição dos mortos

⁹⁰ Johannes Betz, *Mysterium Salutis: manual de teología como historia de la salvación*, 137.

⁹¹ Cf. Con Kasemann, Rom, p. 156, hay que preferir esta relación. Contra la outra posibilidad «com – sepultado (...) en la muerte» habla el orden de los términos.

⁹² Joachim Gnilka, *Teología del Nuevo Testamento* (Madrid: Trotta, 1998), 123.

quando ele emergiu da água»⁹³. Contudo, «a experiência do batismo, o acontecimento central da ação missionária do cristianismo primitivo, o ponto de partida que determinava toda a vida do pensamento cristão. Cada cristão tinha experimentado no batismo a justificação dos ímpios como perdão e purificação dos pecados e renovação mediante o Espírito Santo»⁹⁴. Paulo «aprofunda e completa a doutrina batismal que resulta dos ensinamentos do Salvador (Mc 10, 38) e da prática da Igreja (Rm 6, 3). O Batismo conferido em nome Cristo (1 Cor 1, 13) que une a morte, a sepultura e ressurreição do Salvador (Rm 6, 3; col 2, 12). A imersão representa a morte e a sepultura de Cristo; a saída da água simboliza ressurreição em união com Ele. O batismo faz com que o corpo morra como instrumento do pecado (Rm 6, 6) e participa da vida para Deus em Cristo (6, 11). A morte do pecado e dom da vida são inseparáveis»⁹⁵.

2. Batismo: sepultados com Cristo

No seguimento desta introdução relativa à teologia batismal, partiremos agora para a análise do primeiro dos três conceitos em destaque: “batismo”. Posteriormente, esta análise complementar-se-á com a referência à “crucificação” e “ressurreição”.

Primeiramente, destaca-se que, sob o ponto de vista histórico, «foi em ambiente judaico cristão que o verbo grego, βαπτίζειν proveniente do meio judaico-helenista, ganhou o sentido técnico de batizar. É um iterativo de βάπτειν, que significa imergir ou submergir, e que é usado no NT em sentido puramente profano (Lc 16, 24; Jo 13, 26; Ap 19, 13). De βαπτίζειν são derivados os substantivos βαπτισμός, que indica a ação do

⁹³ Joachim Gnilka, *Teología del Nuevo Testamento*, 124.

⁹⁴ Ulrich Wilckens, *La Carta a los Romanos*, vol. 2 (Salamanca: Sigueme, 1992), 37.

⁹⁵ X. Léon-Dufour, *Vocabulario de teología, bíblica* (Barcelona: Biblioteca Herder, 1976), 117.

submergir (tratando-se de purificações rituais: Mc 7, 8; Hbr 9, 10) ou batizar (Hbr 6, 2) e βάπτισμα que indica sobretudo o batismo como instituição»⁹⁶.

Com efeito, no sacramento do batismo, «nada mais se comemora e realiza senão o mistério pascal, enquanto nele os homens passam da morte do pecado para a vida»⁹⁷. Assim, como temos vindo a constatar, o batismo é a experiência que cada cristão faz em si mesmo da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Nesta linha, «o Batismo simboliza expressamente não apenas o início de uma nova vida em Cristo, mas também a morte de um velho homem, da velha vida do pecado»⁹⁸. Na verdade, o cristão é purificado, santificado e justificado em nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito, o que no fundo significa constituir uma relação com Deus. Ora, se Cristo santifica a Igreja, purifica-a mediante o banho da água e com a Palavra. É desta forma, através dessa experiência, que se renasce em Cristo. «O batismo simboliza e produz não apenas a incorporação do cristão a Cristo, mas também a sua união com os outros cristãos como membros do corpo único de Cristo»⁹⁹.

Os dados apresentados pelo Novo Testamento, no que se refere aos efeitos do batismo, indicam que o batizado deixa a condição do pecado e da morte para dar lugar à vida e à justiça, tornando-se idêntico a Cristo. Podemos constatar isso mesmo, por exemplo, nas seguintes passagens bíblicas neotestamentárias: «Levanta-te, recebe o batismo e purifica-te dos teus pecados» (Act 22, 16); «Fostes santificados, fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (1Cor 6, 11); «Pois todos os que fostes batizados em Cristo, revesti-vos de Cristo mediante a fé» (Gl 3,

⁹⁶ A. Van Den Born, “Batismo”, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1976), 162.

⁹⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, *Ritual Romano, Celebração do Batismo das Crianças* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 1993), 15.

⁹⁸ Jonh L. Mackenzie, “Batismo”, in *Dicionário Bíblico* (São Paulo: Paulinas, São Paulo, 1984), 111.

⁹⁹ Jonh L. Mackenzie, “Batismo”, in *Dicionário Bíblico*, 112.

27); «Ele salvou-nos, não em virtude de obras de justiça que tivéssemos praticado, mas da sua misericórdia, mediante um novo nascimento e renovação do Espírito Santo» (Tt 3, 5).

De uma forma mais abreviada, dizemos que o batismo se administra “em Cristo”, embora, de uma forma mais plena se diga que se é «batizado no (para dentro de) nome de Cristo»¹⁰⁰. Por isso, o crente situa-se numa verdadeira relação com Ele, o que implica também um batismo “na sua morte”. Ou seja, uma plena união com Jesus exige necessariamente uma plena união com o mistério da Sua morte e ressurreição. Portanto, a vida do batizado passa também pelo Gólgota, como sinal de que é chamado a morrer, e por conseguinte, o fim do afastamento de Deus e assim aproximar-se de um modo de estar e viver como o de Cristo. Ao mesmo tempo, este modo de estar e viver torna-se concreto em Igreja, visto que “estar com Cristo” corresponde a ser membro do Seu corpo. Assim se explica a expressão «batizados para formar um só corpo» (1 Cor 12, 13). Assim, «o batismo era em certo sentido o meio mediante o qual Deus levou o batizando à participação na morte e sepultamento em Cristo. Provavelmente, aqui há ecos (pelo menos para alguns) de comoventes lembranças do simbolismo experimentado de submergir abaixo da superfície da água no batismo de imersão. Expresso de outra forma, o batismo era o momento e o contexto em que tudo se unia, em que a imagem de “batizados em (para dentro de) Cristo” recebia sua ressonância mais profunda»¹⁰¹.

Assim sendo, São Paulo define que a identidade cristã é formada por dois elementos: o não procurar sozinho, mas receber Cristo e dar-se com Cristo, e assim participar pessoalmente na vida de Cristo, até mergulhar n’Ele e partilhar tanto a sua morte como a sua vida. É isso que Paulo escreve na Carta aos Romanos: «Fomos batizados na sua morte [...] fomos sepultados com Ele [...] Assim também vós considerai-vos mortos para o

¹⁰⁰ James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, 514.

¹⁰¹ *Ibidem*, 519.

pecado, mas vivos para Deus em Jesus Cristo» (cf. Rm 6, 3.4.5.11). Esta é, precisamente, uma expressão sintomática: para Paulo não basta dizer que os cristãos são batizados ou crentes; para ele é igualmente importante dizer que eles estão «em Jesus Cristo» (cf. Rm 8, 1, 2.29; 12, 5; 16, 3.7.10; 1 Cor 1, 2.3). Outras vezes, ele inverte os termos e indica que «Cristo está em nós/vós» (Rm 8, 10; 2 Cor 13, 5) ou «em mim» (Gl 2, 20)¹⁰².

Numa outra perspectiva complementar, «o batismo é considerado como uma formação especial da palavra de Cristo, diferenciada da pregação, através da simbolização concreta da sua promessa de salvação. Ainda assim, o batismo não é apenas um diagrama externo que serve de símbolo, pois Paulo indica que Cristo que nos fez verdadeiramente participantes da sua morte através do batismo»¹⁰³. Por isso é que «o batismo liberta o batizado do pecado e dá o Espírito Santo fazendo-o participante da morte e ressurreição de Cristo»¹⁰⁴.

Tendo em conta o exposto, percebemos que «o batismo abre de novo o momento da criação do ser corpo em abertura a Deus; de mudar o ser para a morte para um ser para a vida e, assim como um pecador abriu o seu corpo obedecendo ao pecado, assim a abertura a Deus oferecida no batismo apenas se pode realizar de maneira corporal concreta na obediência a Deus. Aí se encontra verdadeiramente o homem em si mesmo, que vive ao viver para Deus (cf. V.11) e na sua livre vontade depende do fechar as portas ao pecado praticando a justiça. Ele mesmo que outrora foi escravo do pecado tem agora a possibilidade de levar vencido o seu antigo dono»¹⁰⁵.

Curiosamente, expressões como “morrer para o pecado”, “morreremos com Cristo” e “viveremos com Cristo”, levam-nos a folhear todo o Novo Testamento, onde encontramos

¹⁰² Joseph Ratzinger, *Paulo o apóstolo dos gentios*, 24.

¹⁰³ Cf. Ulrich Wilckens, *La Carta a los Romanos Rom 6-16*, 1992, 39-40.

¹⁰⁴ Ulrich Wilckens, *La Carta a los Romanos Rom 6-16*, 39.

¹⁰⁵ *Ibidem*, 35.

numerosas palavras para designar a “morte” e “morrer”. O vocábulo grego *θανατος*, com efeito, encontra-se muitas vezes nos evangelhos e refere-se em geral à morte de Jesus. Desta forma «a morte de Jesus para Paulo é um gesto livre e gratuito com um significado profundíssimo – é a morte de alguém que deu a vida por um ideal, fazendo dela uma doação de vida para o mundo, como fica bem expresso na fórmula antioquena “por Vós” da celebração da ceia (cf. 1 Cor 11, 24)»¹⁰⁶.

Para Paulo somos redimidos em Cristo, que é a nossa redenção, e também o nosso resgate. Desta forma os crentes não estão mais sob o símbolo do pecado, porque mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo (cf. Rm 6, 1-14). Tratando-se da morte de Cristo um acontecimento que se manifestou no campo do real é portanto impassível de ficção e é nesta ordem que afasta-nos da morte. É na pertença de Deus que reside a dimensão salvífica do pecador, é na configuração com Cristo que resulta a libertação do pecado¹⁰⁷. «A morte já não o domina (Rm 6,9b). Cristo morre no pecado e morre para o pecado (v. 10)»¹⁰⁸. Assim Cristo morre encerrado nas cadeias do pecado, para de uma vez para sempre destruir o próprio pecado, numa dinâmica onde não é necessário pecado de cristo, apenas uma aceitação do pecado humano expressa na partilha da nossa condição pecadora.

Não obstante, cada batizado, ao experimentar a morte de Cristo, experimenta de igual forma a morte do pecado que transporta consigo. Em certa medida ao receber o batismo o ser humano participa da redenção que no cimo do monte foi opera de uma vez para

¹⁰⁶ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 2017, 108.

¹⁰⁷ Mas como pode cada batizado morrer com cristo para o pecado se é verdade que Cristo não morre mais? Faz-nos o batismo contemporâneos do acontecimento do Gólgota? Sim, no sentido de que esta morte foi a libertação da raça humana de todos os tempos numa contemporaneidade com toda a história enquanto tal. Cristo Ressuscitado está completamente morto para o pecado, está definitivamente separado do mesmo e da possibilidade do mesmo, logo o único capaz de ser dado em troca sendo colocado precisamente na condição da qual não nos conseguimos libertar (*Ibidem*, 113-114).

¹⁰⁸ *Ibidem*, 114.

sempre. A morte de Cristo provoca uma cisão entre a realidade humana e a dimensão do pecado, que na morte de Cristo encontrou o remédio necessário, o qual sozinho não poderia alcançar¹⁰⁹.

Noutra instância, quando nas confissões de fé pré-paulinas se refere que Cristo morreu pelos nossos pecados, que foi sepultado e ressuscitou para a nossa justificação, compreendemos que estas expressões são plenamente conformes ao significado do batismo. Assim sendo, aferimos uma vez mais que a imersão na água gera um homem novo, livre da escravidão do pecado e da morte.

Depreendemos igualmente que “morrer com Cristo” não é algo que se compreenda de consciência imediata, mas sim à luz da fé. Se “também com Ele viveremos”, Paulo «pensa sobretudo na forma definitiva da nova vida com Cristo; este é o motivo de que diga “com Cristo” em vez de “em Cristo”. No entanto, o cristão tem desde agora uma certa participação nessa vida, como sugere 6, 4»¹¹⁰. É de salientar que, enquanto neste versículo se fala da nossa participação na Sua vida, no versículo 5 falava-se da nossa participação na Sua morte. Assim, «o batismo realiza de maneira corporal em nós o que sucedeu na morte de Cristo a nosso favor, assim de agora em diante estamos em Cristo. Mas, porque Cristo foi ressuscitado da morte através do poder de Deus, também nós somos ressuscitados da morte, na medida em que nós mesmos estamos separados corporalmente da realidade dos nossos pecados e como uma nova criação nos convertemos realmente em justos porque vivemos em Cristo ressuscitado»¹¹¹.

Assim a morte, «no Antigo Testamento, para nós como para os gregos, a morte é uma separação entre o corpo e a alma; para os israelitas, porém, a morte era uma perda de

¹⁰⁹ Cf. José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 114.

¹¹⁰ Joseph A. Fitzmyer, *Comentário Bíblico de S. Jerónimo – Nuevo Testamento II Vol. 4* (Madrid: Cristiandad, 1972), 148-149.

¹¹¹ Ulrich Wilckens, *La Carta a los Romanos Rom 6-16*, 38.

forças, uma inanição, o fim de toda a vitalidade. Afinal, a palavra morte é usada, no Novo Testamento, para indicar a passagem do estado do pecado para o estado de justiça, no Batismo. Quem crê morre ao pecado (Rm 6, 2; Pe 2, 24); o Batismo é “ser imerso para morrer” (Rm 6, 4)»¹¹².

A expressão «“já não morrerá”, seguindo este fio condutor, indica que a “ressurreição introduziu a Cristo na esfera da “glória” e o afastou totalmente da esfera do pecado e da morte: ainda que Cristo tenha aparecido na semelhança da carne pecadora, rompeu o domínio do pecado através da sua morte e ressurreição»¹¹³. Com efeito, esta «vitória fundamenta-se na libertação do cristianismo batizado, pois Cristo ressuscitou de entre os mortos para introduzir os homens no novo modo de vida e lhes dar um novo princípio de atividade vital, o Espírito»¹¹⁴.

Igualmente digna de destaque é a expressão onde se reitera que o batizado «morreu para o pecado de uma vez para sempre» (Rm 6, 10), pois remete-nos para o facto extraordinário de que a «sua morte foi um acontecimento singular, irrepitível, pois através dele entrou definitivamente na esfera da sua glória como Cristo»¹¹⁵. É, pois, precisamente a partir da ressurreição, que Cristo fala de um nova relação com o Pai, que introduz aos homens que são batizados.

Neste sentido, se Paulo afirma que Cristo nos traz de volta à vida, em contraposição com o que se passou com Adão, um segundo elemento da «conceção neotestamentária da morte é constituído pela afirmação de que Jesus superou a morte com a sua própria morte»¹¹⁶. Então, se a morte foi o último inimigo que Cristo teve de superar, Ele destruiu

¹¹² A. Van Den Born, “morte”, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1992), 1013-1015.

¹¹³ Joseph A. Fitzmyer, *Comentário Bíblico de S. Jerónimo – Nuevo Testamento II* Vol. 4, 149.

¹¹⁴ *Ibidem*, 148-149.

¹¹⁵ *Ibidem*, 149.

¹¹⁶ Jonh L. Mackenzie, “Morte”, in *Dicionário Bíblico* (São Paulo: Paulinas, São Paulo, 1984), 633.

conjuntamente pela morte o dominador da morte, o diabo. «A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus libertou-nos da lei do pecado e da morte»¹¹⁷.

Na verdade, o vocabulário usado por Paulo tem uma certa tonalidade guerreira, uma vez que, na sua ótica, a ética não só é uma área de compromisso num mundo dominado pelo pecado, como também é uma área na qual a vitória de Cristo é manifestada e confirmada. Por este motivo, Paulo pode afirmar que “o pecado não o dominará (V. 14)”, porque «ele tem a certeza da vitória dos batizados, por causa de Cristo (v. 9-10)»¹¹⁸.

3. Crucificação: o triunfo sobre o pecado

Estamos, neste momento, preparados para analisar mais aprofundadamente o segundo dos três conceitos em destaque: “crucificação”, que será, depois, complementado com a referência à “ressurreição”.

Em primeiro lugar, fim de compreendermos melhor a questão da crucificação, foquemo-nos na palavra «Amartía para Paulo é o pecado personificado, e não o ato humano pecaminoso enquanto tal. A todos atinge o pecado, em Paulo. É de tal modo forte a sua influência que é classificado como uma inabituação (cf. Rm 7, 10), uma permanência, uma força que nos oprime e faz propender para o mal»¹¹⁹. Na verdade, é na Carta aos Romanos que surge a maior reflexão acerca do pecado. Ai, «Paulo utiliza o vocabulário que a Grécia e os LXX lhe forneceram: *amartólós* (pecador), *amartáno* (pecar), *amartía* (pecado), *amartiôn* (pecados no sentido normal: cf. Rm 2, 12; Rm 3, 5-8; Gl 3, 22; 1 Cor 15, 56) e *amartêmatôn* (ações pecaminosas: Rm 3, 25); *amartía* com artifo indica o pecado personalizado, uma força (*dynamis*), e não um ato pecaminoso. Essa força é de tal modo

¹¹⁷ Jonh L. Mackenzie, “Morte”, in *Dicionário Bíblico*, 634.

¹¹⁸ Jean-Noel Aletti, “Romanos”, in *Comentário Bíblico Internacional* (Navarra: Verbo Divino, 2005), 1439.

¹¹⁹ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 156.

abrangente e insidiosa que vivemos “debaixo (do poder) do pecado” (Rm 3, 9; cf. Gl 3, 22, sob este poder»¹²⁰.

Assim, o Novo Testamento, «nunca dá uma exposição teórica sobre o pecado, embora nos lembre continuamente a realidade do pecado, dentro da situação real do homem caído, ponto de partida da pregação da salvação no NT. O pecado é apresentado, não apenas como falta contra a lei, e por conseguinte contra a vontade de Deus, mas também como recusa de se submeter a Cristo o Redentor, e como falta de fé na sua pessoa e na sua palavra, pela qual o homem se torna culpado, se exclui do Reino de Deus e se torna objeto do juízo e do castigo de Deus. Os termos principais para exprimir a noção de pecado continuam a ser, como nos LXX, ἁμαρτία (sobretudo) e ἄνομία (às vezes sinônimo de ἁμαρτία, outras vezes = “maldade”, tendo então um matiz fortemente escatológico)»¹²¹.

Tendo em conta o exposto, fundamentemos agora a questão da crucificação: o «homem velho que havia em nós foi crucificado» (Rm 6, 6). Ou seja, ao querer simbolizar um ser humano frágil e pecador, incapaz de se justificar diante de Deus, Paulo considera que «é chamado de “antigo” porque ele é visto à luz do “homem novo”. Como o crente está em Cristo, o pecado, que nos arranca de Deus, foi reduzido à impotência, isto é, que o “corpo do pecado” foi eliminado»¹²². Por outras palavras, é por meio de Cristo que o homem chega à liberdade, tornando-se uma nova criatura. Ou seja, o batizado deixa-se crucificar com Cristo, tornando-se num homem novo que já não está em si mesmo, mas Nele.

Neste sentido, o “homem velho” é identificado como corpo “pertencente” ao pecado. Não obstante, quando o “homem velho” for “co-crucificado” com Cristo e destruído como

¹²⁰ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 156-157.

¹²¹ A. Van Den Born, “Pecado”, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1992), 1154.

¹²² Chantal Reynier, *La Carta a los Romanos* (Navarra: Verbo Divino, 2011), 66.

“corpo pertencente ao pecado”, será libertado do domínio do pecado sobre o seu corpo, deixando de ser escravo¹²³. Nesta linha de pensamento, Paulo exorta «que vos deveis renovar pela transformação do Espírito que anima a vossa mente; e que deveis revestir-vos do homem novo, que foi criado em conformidade com Deus, na justiça e na santidade, próprias da verdade» (Ef 4, 23-24).

Numa outra instância, no versículo 6, Paulo refere-se ao “nosso homem velho” como a classe de homens que éramos antes. Ou seja, se o “eu” estava sob o domínio do pecado e exposto à ira de Deus, opõe-se agora ao “homem novo” que vive em união com Cristo e que por ele foi libertado do pecado e de tudo o que a este se refira¹²⁴. O Apóstolo, neste versículo, refere em que medida «o nosso estar co-crucificado terá criado a condição necessária para que possamos caminhar na vida nova: ali fomos libertados do domínio do pecado. O nosso homem velho é aquele que foi co-crucificado com Cristo»¹²⁵. Já no versículo seguinte, apreendemos que “quem está morto está justificado do pecado”. Uma vez que do ponto de vista da Lei, o homem, ao morrer, ficaria absolvido do pecado, porque já não tem domínio sobre ele, «a ideia principal deriva da mudança produzida por esta situação. No batismo/morte pôs-se termo à antiga condição, iniciando-se uma nova»¹²⁶.

Paulo deixa-nos bem presente a questão do pecado e na carta aos Romanos refere que o «pecado habita em nós (7, 17.20) mas também luta contra nós (v.23). Isto faz com que a lei do pecado não seja igual à Lei de Moisés (7, 25; 8, 2). Assim, em Rom 5, 12-21 enquanto pecadores todos morreram, mas aí a morte não é protagonista ativa. Paulo atesta que o pecado existe, sendo que todos morreram nessa condição de pecadores. Deste modo, não estabelece uma relação de causa-efeito entre a morte e o pecado. Limita-se a atestar

¹²³ Ulrich Wilckens, *La Carta a los Romanos Rom 6-16*, 30.

¹²⁴ Joseph A. Fitzmyer, *Comentário Bíblico de S. Jerónimo – Nuevo Testamento*, 147.

¹²⁵ Ulrich Wilckens, *La Carta a los Romanos Rom 6-16*, 29.

¹²⁶ Joseph A. Fitzmyer, *Comentário Bíblico de S. Jerónimo – Nuevo Testamento*, 148.

uma evidência: morremos pecadores e pecamos sendo mortais. Por isso, em Rom 5, ao iniciar a segunda parte da carta, Paulo recorre a Adão para evidenciar a universalidade do pecado. Era narrativa e retoricamente necessária esta evidência para apontar o excesso da universalidade da redenção em Cristo»¹²⁷.

Sem dúvida que a cruz é sinal de um Cristo que “dá a pensar e dá que pensar”. Fazendo uma análise teológica da crucificação de Jesus, poderíamos afirmar que, para Paulo, todas as interpretações em torno da crucificação são encaminhadas a algo bastante distinto da crucificação em concreto, uma vez que se trata de um evento tão radical e autêntico que, enquanto acontecimento salvífico, transformou o mundo. Por isso, a cruz é pura arte de mergulhar no relato na paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Com efeito, para o Apóstolo, o evangelho assenta de um modo central na pregação salvífica de Cristo. Esta pregação tem o seu auge na cruz que, por si mesma, expressa toda a palavra e mensagem de Cristo de uma só vez. Assim sendo, a gramática da cruz é inerente à da salvação. E se a cruz é uma pura arte de mergulhar pelo batismo na morte de Jesus, é igualmente portadora de um dinamismo de viver em Cristo. «A árvore da cruz torna-se o lugar de combate da vida contra a morte, como a árvore do paraíso se tornou lugar de combate da morte contra a vida»¹²⁸. Assim, olhar para cruz é olhar para «a maior palavra de amor porque é dom de si a outro, a todos»¹²⁹.

A Boa-Nova de Jesus, por isso, desafia-nos a levar a nossa cruz, isto é, a assumir os próprios compromissos, no seguimento de Cristo, com todas as consequências. Sinal disso é o testemunho de Paulo, quando afirma: «Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 19-20); «Na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo» (Gl 6, 14); «Pelo

¹²⁷ José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*, 157.

¹²⁸ Herculano Alves, *Sementes da palavra: Novo Testamento*, 295.

¹²⁹ *Ibidem*, 294.

Batismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rm 6, 4).

Ao debruçarmo-nos sobre as palavras “sepultados com Ele na morte”, compreendemos com o exemplo do Apóstolo que «o rito batismal representa simbolicamente a morte, sepultura e ressurreição de Cristo. Desce ao banho do Baptismo, é submerso nas águas e ressurge para uma vida nova»¹³⁰. Dito de outra maneira, ajuda-nos a compreender que se continua a ser o mesmo, mas agora com Cristo, passando pela experiência da morte para o pecado, da sepultura e da ressurreição. Aliás, basta notarmos que Paulo usa um verbo composto “com”, o que significa desde logo que as ações salvíficas da vida de Cristo na soteriologia paulina são, com efeito, a sua paixão, morte e ressurreição. Neste dinamismo soteriológico está inerente o conceito de “graça”.

Porquê “graça”? Porquê esta palavra? Porque, para Paulo, por trás de todo o processo de salvação, está sempre a iniciativa de Deus. Podemos afirmar que a «*charis* está ligada à ágape (“amor”) no centro do evangelho de Paulo»¹³¹. Surgem, neste contexto, duas palavras importantes para o nosso estudo: «*hen* (graça, favor) e *hesed* (favor grandioso, bondade amorosa, amor de aliança)»¹³². E é precisamente nesta linha que o termo «*châris* traduz nos LXX quase sempre o hebraico *hen* (como *eleéô* traduz *hanan*, e *éleos* traduz *hesed*), que mostra o olhar de ternura completamente gratuito, inclinação benevolente, condescendente, do superior em relação ao inferior, da mãe em relação ao filho: a graça tem tempo e jeito maternal; descobre sempre alguém para embalar; a graça só sabe dizer Sim; a graça é Deus a olhar por mim; sou eu também a olhar por ti assim»¹³³.

¹³⁰ Joseph A. Fitzmyer, *Comentário Bíblico de S. Jerónimo – Nuevo Testamento*, 146.

¹³¹ James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, 372.

¹³² *Ibidem*, 373.

¹³³ Cf. António Couto, *Uma palavra é melhor do que um presente*, 224.

Desta forma, para Paulo, a «graça de Deus é sempre presente. Assim, a frase verbal mais comum com *charis* é “graça dada” (por Deus)»¹³⁴. Mais ainda, «a “graça” era o conceito dinâmico, a poderosa ação de Deus»¹³⁵ e, desta forma, inclui-nos na dinâmica de estar “coberto de graça” por Deus. Tal como afirma na 2ª Carta aos Coríntios, «basta – te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza» (2 Cor 12, 9).

Deste modo, a partir das conclusões retiradas da análise dos conceitos “batismo” e “crucificação” e, tendo em vista a teologia de Paulo sobre a doutrina da graça estão muito presentes alguns termos particulares, tais como: transbordar, abundar, insuperável/extraordinário e riqueza. Ou seja, não admira «que a graça (*cháris*) seja o princípio arquitetónico que rege o inteiro edifício paulino, e que Paulo não se saiba dizer a si mesmo senão a partir da graça (*cháris*), sua nova identidade recebida desde fora. Graça é a natureza e a maneira de ser do próprio Deus. Nenhuma outra palavra expressa tão claramente a sua teologia como a palavra graça (*cháris*), que Paulo usa por 100 vezes contra 55 vezes no resto do NT. É pela Graça que Paulo pode dizer a sua nova identidade recebida: “é pela Graça de Deus que sou o que sou (*eimi hó eimi*)” (1 Cor 15, 10)»¹³⁶.

Nesta instância, «aquele a quem foi dada *charis* deve, na verdade, retribuir *charis*, mas sempre no sentido de “agradecimento”, nunca no sentido de “favor” retribuído. A “graça” permanece ação totalmente generosa e não merecida de Deus do começo ao fim. Podemos dizer que para Paulo graça gera graça»¹³⁷. Para além disso, a graça significa também um encanto pessoal que não é dado, nem vem de fora do Ser Humano, mas sim que emerge da pessoa, ou seja, que está dentro de si. Deste modo, podemos entender o

¹³⁴ James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, 374.

¹³⁵ *Ibidem*, 375.

¹³⁶ António Couto, *Uma palavra é melhor do que um presente*, 224.

¹³⁷ James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, 375-376.

conceito de graça como uma dádiva, que é dom, e não como algo conquistado ou merecido.

Conclui-se nesta reflexão que a graça é o próprio Jesus Cristo. Ele, que espelha o amor gratuito do Pai, coloca-se junto das criaturas, cura-as e confere-lhes a amplitude escatológica que ainda não tinha sido plenamente alcançada no Antigo Testamento.

Tomando como ponto de partida o exposto relativamente à morte para o pecado, podemos considerar de forma mais concreta que esta “morte” se desenvolve mediante um tríptico passo: «mudança de situação; mudança de consciência; e consciência»¹³⁸. Com efeito, na ótica de São Paulo, essa mudança de situação do cristão processa-se como ilustra o seguinte quadro:

A Graça	O homem velho é submerso na morte de Cristo;
	Enxerta-o n'Ele e sepulta-o com Ele;
	Para que morra o “eu” pecador.

A partir deste quadro assevera-se que a graça nos enxerta na Ressurreição de Cristo para que vivamos a sua novidade humana. Neste sentido, “submergir em”, “enxertar em”, ou “sepultar com” são sinónimos que expressam um momento cujo dinamismo podemos descrever como uma experiência de morte e vida. «Essa dupla mudança da situação do cristão implica também para Paulo uma mudança de consciência, como pode perceber-se na abundância de verbos de conhecimento»¹³⁹, porque «assim como Cristo, ao morrer, morre para esta vida na qual há pecado, mas ressuscita para a vida de Deus, assim vós, também, considerai-vos mortos para o pecado e vivendo na vida de Deus» (Rm 6, 9-11).

¹³⁸ José Gonzáles Faus, *Proyecto de herman: Vision creyente del hombre* (Santander: Sal Teræ, 1987), 533.

¹³⁹ *Ibidem*, 533.

Através desta mudança de perspectiva acerca da concepção do homem de si mesmo, Paulo pretende determinar que: «se isto é assim, será lógico que o pecado não reine nas vossas pessoas (...) mas que vos sintais como ressuscitados perante Deus e vejais vossas faculdades como instrumentos de justiça» (Rm 6, 12-13). Na verdade, podemos até mesmo considerar que esta experiência profunda de mudança tenha sido o reflexo da própria conversão e transformação de Paulo.

4. Ressurreição: com Cristo para a vida nova

Chegamos, por fim, à análise do terceiro conceito em destaque: a “ressurreição”, após o caminho percorrido entre o “batismo” e a “crucificação”.

Ora, tal como vimos, do mesmo modo que a cruz de Jesus está no centro da vida de Paulo, também a Ressurreição de Jesus se encontra. Desta forma, «sem a ressurreição a cruz seria um motivo de desespero. Sem a cruz, a ressurreição seria uma fuga da realidade»¹⁴⁰. A questão não é “Cristo ressuscitou?”, mas: “O que significa o termo ressuscitado? Não obstante a Ressurreição não é um simples evento do passado. Ela não é mais uma “prova” da fé. Enfim, ela não é um evento como todos os outros, mas sim o facto escatológico por excelência. Entregando-se totalmente na Cruz, numa oferta oblativa, testemunha perante a humanidade que é precisamente na cruz de cada um que se reside o sentido da sua salvação. Deus, que é eterno, desce da sua eternidade, a fim de nos salvar. Embora a morte seja algo forte, «forte como a morte é o amor» (Ct 8, 6).

Nesta linha de pensamento, «o mais espantoso de tudo é que a ressurreição de Jesus, Paulo a entendia (e também, os que vieram antes dele) como o anúncio de uma nova era,

¹⁴⁰ James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, 281.

ou mesmo dos últimos dias»¹⁴¹. Ele quer transmitir aos outros o Evangelho que recebeu, isto é, “que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras (1 Cor 15, 3-4). Porém, «Paulo pode até dizer: “ Se Cristo não ressuscitou, vazia é nossa pregação, vazia também é vossa fé” (15, 14); “ e se Cristo não ressuscitou, ilusória é vossa fé; ainda estais nos vossos pecados” (15, 17). Dificilmente poderia haver uma declaração mais clara de que, quanto ao que tange ao evangelho, a morte de Cristo sozinha não é evangelho. Portanto, não pode haver dúvida quanto à centralidade da ressurreição de Jesus para Paulo., isto é, da ressurreição de Jesus como ato de Deus»¹⁴².

Na Sagrada Escritura, o vocabulário que é utilizado para traduzir a fé e a esperança na vida de além-túmulo, resume-se em dois pontos: *ressurreição* e *glorificação*. Ou seja, «o “conceito de “ressurreição” aparece expresso no sentido de “ressuscitar”, “despertar”, “ressurgir”, ou também “levantar-se”, “ser elevado” e “ainda: passar da morte à vida»¹⁴³. Consecutivamente, no centro dos testemunhos neotestamentários encontramos a ressurreição de Jesus, que foi anúncio pelo próprio e, logo depois, foi anúncio proclamado, primeiro por Maria Madalena e depois pelos discípulos. Estes tiveram a oportunidade de usufruir da presença do Senhor, já com um corpo novo, materialmente idêntico.

Por isso, sem a Ressurreição de Cristo, o batismo perderia a sua força, uma vez que se trata de um ato escatológico - criador de Deus, que vai buscar ao momento da ressurreição todo o seu sentido e valor salvífico¹⁴⁴. Portanto, para Paulo, a «ressurreição de Cristo é o sucesso escatológico daquele que, mediante o batismo, está unido a ele como

¹⁴¹ James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, 286.

¹⁴² *Ibidem*, 283.

¹⁴³ Manuel Alberto Pereira de Matos, *Ressuscitarão os mortos? - Horizontes da Escatologia Cristã* (Lisboa: Paulus, 2013), 76.

¹⁴⁴ El acontecimiento del bautismo es un acto escatológico-creador de Dios como el acontecimiento de la resurrección de Cristo, en virtud del cual el bautismo tiene su fuerza. Ulrich Wilckens, (*La Carta a los Romanos, Rom 6-16*, 35).

crucificado e participa já na vida cristã presente da realidade da sua própria ressurreição, apesar de que esta é diferente do que sucede no caso de Cristo, pois é algo para o futuro. Este futuro escatológico referido no versículo 5 fundamenta a exigência de caminhar atualmente na vida nova»¹⁴⁵.

Na Carta aos Romanos, mais propriamente no capítulo onze, no que se refere à “ressurreição dos mortos”, Paulo declara que «a vida que agora circula nos gentios, convertidos à fé em Cristo, é uma vida nova para aqueles que, pelo batismo, foram enxertados em Cristo»¹⁴⁶. Afirmando: «Batizados em Jesus Cristo, batizados na Sua morte» (Rm 6, 3), a teologia paulina apresenta a ressurreição como uma nova criação.

Podemos, desta forma, concluir que a ressurreição não nega a condição mortal, mas afirma que Deus levanta Jesus da morte. Já no episódio da morte de Lázaro, Ele mesmo diz: “Eu sou a Ressurreição e a Vida: aquele que crê em mim, mesmo se morrer, viverá (Jo 11, 25). Segundo Ledure: “a ressurreição, este despertar da morte, não é senão a expressão daquilo que terá sido o percurso de Jesus: uma existência com Deus”.

A palavra “vida”, nesta linha, significa geralmente o entusiasmo da natureza orgânica e, especialmente, a existência do homem. Consequentemente, os vocábulos “vida” e “morte” são as categorias fundamentais que se opõem mutuamente em todo o ser vivente. Para além disso, como já nos apercebemos, a compreensão paulina da vida está determinada pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. Com efeito, o poder divino é maior que a própria morte e, tal como testemunha São Paulo, Cristo é o transmissor desse mesmo poder vital, imortal e livre.

Mediante a sua ressurreição, Cristo é como um segundo Adão, o indicador de uma nova vida da humanidade. E este aspeto leva-nos a crer que, de acordo com Paulo, a vida

¹⁴⁵ Ulrich Wilckens, *La Carta a los Romanos Rom 6-16*, 28.

¹⁴⁶ Manuel Alberto Pereira de Matos, *Ressuscitarão os mortos? - Horizontes da Escatologia Cristã*, 78.

de cada crente já não é só a sua própria vida, mas sim a vida de Cristo. Ou seja, não é apenas uma mera união mística ou algum tipo de força gnóstica, mas sim algo muito concreto motivado pela força criadora do Espírito.

Não obstante, a vida do crente operada pelo espírito está condicionada: situa-se no serviço e na responsabilidade de uma determinada situação histórica. Contudo, seja em que circunstância for, o Apóstolo aponta para uma vida que não se vive para si, mas para Deus, ou para Cristo, conduzindo a uma atitude e a uma conduta concretas, que são reflexo do seguimento e da aceitação da cruz de Cristo.

Neste sentido, a nova vida realiza-se numa dialética entre o “já” mas “ainda não”, entre o indicativo e o operativo: já está aqui, mas todavia não se manifestou de todo; já é uma realidade, mas ao mesmo tempo é algo futuro. Cabe-nos afirmar que a ressurreição de Cristo é a graça da nossa ressurreição para uma vida eterna sem morte e sem quebra presente. Assim como em Adão todos morreram, também por Cristo todos receberão a vida. Em jeito de conclusão, a vida nova não se esgota no tempo, mas tem a superação ou vitória do último inimigo, a morte, e com ele a vida eterna. Esta é uma questão eminentemente presente nos escritos paulinos, inspirada nas tradições apocalípticas.

Conclusão

Preparar, celebrar e crescer na fé: estes são os três eixos fundamentais na pastoral do batismo, celebrado como sacramento, no compromisso da comunidade. Paulo, assim no-lo ensinou no decorrer desta viagem até Roma. Através da análise do seu epistolário, com especial ênfase no que diz respeito a esta temática na narrativa aos habitantes da capital do Império, concluímos que o batismo leva o ser humano a transformar-se verdadeiramente num homem novo, deixando para trás o pecado. É de tal modo radical a mudança de vida operada nos cristãos pelo batismo, que não há mais lugar para o “homem velho” (cf. Rm 6, 5-9), mas sim para a preparação, celebração e crescimento na participação da morte e ressurreição de Cristo.

Como é que participamos, então, nesta morte e ressurreição? Concluo agora, com maior clareza, que é, de facto, através do batismo. Por um lado, este transforma o nosso modo de estar no mundo e, por outro lado, potencia uma nova sociedade. «E assim não somos mais escravos» (Rm 6, 6), escrevia o Apóstolo, visto que somos resgatados da escravidão para a liberdade. E foi Cristo quem pagou esse resgate com o Seu próprio sangue. Pertencendo-Lhe, somos livres e convidados a agir de um modo novo, porque Ele é a plenitude da lei. Quem é que nos justifica? Cristo (o “novo Adão”); Quem é justificado? O Homem; Cristo justifica por obrigação? Não, justifica por graça; Nesta justificação, somos reconciliados com Deus? Sim.

Na verdade, a Sua lógica é muito diferente da nossa. Por exemplo, quando nós, humanos, pensamos em fazer uma enxertia, unimos um ramo bom a um tronco mau para que este possa passar a dar bom fruto. Contudo, na linha do que afirma São Paulo (Rm 11, 19), nós é que somos os rebentos bravos que precisam de ser enxertados no tronco manso que tem, em si mesmo, uma seiva transformadora. O tronco do rebento da casa de Jessé, o próprio Jesus.

Por conseguinte, talvez seja importante trazer no nosso pensamento as memórias do dia do nosso próprio batismo, como um mergulho na Santíssima Trindade. Na verdade, a Pia Batismal, imagem desse dia, pode ser vista, ao mesmo tempo, como um “útero” e como um “sepulcro”. Por um lado, é “útero” na medida em que a Mãe Igreja gera os batizados como filhos de Deus e, por outro lado, é “sepulcro” na medida em que aquele que é batizado morre para o pecado a fim de nascer para uma vida nova. Não é uma morte biológica. Tal como dizia Tertuliano, no batismo, “nós, peixinhos, tomamos o nosso nome do *IXTUS* (Jesus Cristo), nascemos na água e só permanecendo nela somos salvos” (De Baptismo 1,3).

Ora, se Paulo nos ajuda a compreender que o batismo é “sepulcro” e “útero”, torna-se mais claro para nós, hoje, que será necessário um acolhimento pastoral renovado, alicerçado no diálogo sobre a fé, sobre a vida e sobre as disposições inerentes ao sacramento do batismo; será igualmente basilar a realização de encontros pessoais e comunitários; de uma preparação imediata, com catequeses; de uma celebração mais participada pela comunidade; e, por fim, de uma continuidade que deverá ser assumida pelos pais e padrinhos daquele que é batizado, de modo a que cresça na fé cristã. Na verdade, poderíamos dizer face ao exposto, que a valorização e receção da pastoral do batismo se deverá dar, deste modo, promovendo a evangelização e o compromisso.

Com certeza que podemos encontrar alguns impedimentos, na atualidade, para que a dimensão teológica e simbólica referente ao batismo produza os frutos esperados. Assim acontece, talvez, devido ao processo de secularização. Contudo, só de forma serena e contemplativa, poderemos clarificar a mente e o coração dos crentes no que diz respeito a este sacramento. Deste modo, tanto a dimensão eclesial, como a dimensão litúrgica, como

a dimensão pessoal, como a dimensão histórica, alcançarão o seu perfil salvífico de uma forma mais eficaz. Um desafio? Sem dúvida! Uma tarefa impossível? Não.

Tal como quando contemplamos uma obra de arte, seja uma pintura, uma escultura, um filme, um edifício, ou uma fotografia e sabemos que qualquer obra precisa de tempo para ser contemplada, observada, meditada e interiorizada, assim também o mesmo acontece no que diz respeito ao batismo. Precisa de ser contemplado, observado e interiorizado. Só desta forma será possível entender o seu alcance, o seu significado, a sua tarefa e a sua missão.

Bibliografia

- Aletti, Jean-Noel, “Romanos”, in *Comentário Bíblico Internacional*, edited by William R. Farmer, 1437. Navarra: Verbo Divino, Navarra, 2005.
- Alves, Herculano, *Sementes da palavra: Novo Testamento*. Fátima: Difusora Bíblica e Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009.
- Amiot, François, *Introducción a San Pablo*. Paris: La Cordelle, 1963.
- Barth, Karl, *Carta a los Romanos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- Bento XVI, *Os doze apóstolos: e os primeiros discípulos de Jesus nas origens da Igreja*. Lisboa: Paulus, 2012.
- Betz, Johannes, *Mysterium Salutis: manual de teología como historia de la salvación*. Vol. 5 Madrid: Cristiandad, 1984.
- Boring, M. Eugene, *Introduziene al Nuevo Testamento*. Brescia: Paideia, 2016.
- Born, A. Van Den, “Batismo”, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 113 – 154. Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1976.
- Born, A. Van Den, “Morte”, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 1013 – 1015. Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1976.
- Bosch, Jordi Sánchez, *Escritos paulinos*. Navarra: Verbo Divino, 2011.
- Carrez, Maurice, Pierre Dornier, Marcel Dumais, and Michel, Trimaille, *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, (São Paulo: Paulinas, 1987).
- Carvalho, José, *Introdução às Cartas autor(i)ais de Paulo*. Porto: Universidade Católica Editora, 2017.
- Cerfaux, Lucien, *Itinerário espiritual de São Paulo*. Lisboa: Livraria Sampedro, 1969.

- Cineira, David Álvarez, *Pablo el Imperio Romano*. Salamanca: Sígueme, 2009.
- Couto, António, *Uma palavra é melhor do que um presente*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.
- Dufour, X. Léon, *Vocabulario de teologia bíblica*. Navarra: Biblioteca Herder, 1976.
- Dunn, James, *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- Etcheverría, Ramón Trevijano, *Estudios paulinos*. Salamanca: Kadmos, 2002.
- Faria, Teodoro De, *Paulo, de Jerusalém a Roma*. Paulinas: Prior Velho, 2010.
- Faus, José Gonzáles, *Projecto de hermano: vision creyente del hombre*. Santander: Sal Terrae, 1987.
- Fitzmyer, Joseph, *Comentário Bíblico de S. Jerónimo – Nuevo Testamento II*. Vol. 4. Madrid: Cristiandad, 1972.
- García, Miguel Salvador, *Comentario al Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1995.
- Gnilka, Joachim, *Pablo de Tarso: apóstol y testigo*. Barcelona: Herder, 2002.
- Macdonald, Margaret, *Las comunidades paulinas*. Salamanca: Sigueme, 1994.
- Mackenzie, Jonh, “Batismo”, In *Dicionário Bíblico*, 111-112. São Paulo: Paulinas, São Paulo, 1984.
- Mackenzie, Jonh, “Morte”, in *Dicionário Bíblico*, 633-634. São Paulo: Paulinas, São Paulo, 1984.
- Manuel Alberto Pereira de Matos, *Ressuscitarão os mortos? - Horizontes da Escatologia Cristã*. Lisboa: Paulus, 2013.
- Marguerat, Daniel, *Introducción al Nuevo Testamento: su historia, su escritura, su teología*. Genebra: Labor et Fides, 2004.
- Mesters, Carlos, *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas, 2008.

- Mesters, Carlos, *Comentário à carta aos romanos*. Lisboa: Paulinas, 1985.
- O'Connor, Jerome Murphy, *Paulo, um homem inquieto, um apóstolo insuperável*. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- O'Connor, Jerome Murphy, *Paulo, escritor de cartas, o mundo, as suas opções, as suas técnicas*. Prior Velho: Paulinas, 2010.
- Oliveira, Anacleto de, *Um ano a caminhar com São Paulo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2008.
- Pascoaes, Teixeira de, *São Paulo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002.
- Patte, Daniel, *Paulo, sua fé e a força do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- Ratzinger, Joseph, *Paulo o apóstolo dos gentios*. Lisboa: Paulus, 2008.
- Reynier, Chantal, *Para ler, la carta a los romanos*. Navarra: Verbo Divino, 2011.
- Rops, Daniel, *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.
- Rops, Daniel, *São Paulo, conquistador de Cristo*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1960.
- Silva, Valmor, *Paulo apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus*. Prior Velho: Paulinas, 2005.
- Vouga, François, *Eu, Paulo....* Lisboa: Paulus, 2008.
- Walker, Peter, *Nas pegadas de São Paulo*. Prior Velho: Paulinas, 2008.
- Wilckens, Ulrich, *La carta a los romanos*. Salamanca: Sigueme, 1997.

Índice

Abreviaturas	2
Introdução	3
I. Do judeu ao escritor sagrado	5
1. Um Judeu	5
2. A conversão.....	9
3. Viagens Missionárias.....	12
4. Etapa final da vida do Apóstolo Paulo	21
5. Uma carta entre cartas.....	22
5.1. Cartas	23
5.2. História da Carta aos Romanos	26
II. O Texto e o seu contexto.....	31
1. Texto e tradução	31
2. Um texto Delimitado	34
3. Um texto situado.....	37
4. Estrutura e aspectos literários de Romanos 6, 1-14	38
5. Intertextualidades.....	43
III. Batismo: entre o pecado e a vida nova	48
1. Teologia Batismal.....	48
2. Batismo: sepultados com Cristo.....	51
3. Crucificação: o triunfo sobre o pecado	58
4. Ressurreição: com Cristo para a vida nova.....	65
Conclusão.....	68
Bibliografia	72